

# UM POUCO DO DIA-A-DIA



MANUEL CÂNDIDO BAPOLO

# UM POUCO DO DIA-A-DIA

Manuel Cândido Bapolo

*Ficha Técnica:*

**Título:** Um Pouco Do Dia-A-Dia

**Autor:** Manuel Cândido Bapolo

**Editora Digital:** "ÁGUA PRECIOSA "

**Texto:** Goudy Old Style 12

**Capa:** Belson Hossi

**Revisão dos Textos:** Mille Tavares

## Índice

Prefácio .....	6
CAPÍTULO I.....	8
QUANDO O AUTOCARRO ESTÁ CHEIO .....	10
CAPÍTULO II.....	18
O REDUNDANTE ANGOLANO .....	20
CAPÍTULO III.....	24
QUE MAIS FAREI!? .....	26
CAPÍTULO IV .....	32
QUEM MATOU ? .....	34
CAPÍTULO V .....	40
QUANDO VALE APENAS SOFRER .....	42
CAPÍTULO VI .....	52
A ESCOLHA IRRACIONAL .....	54
CAPÍTULO VII .....	66
AVANÇANDO PARA ATRÁS.....	68
CAPÍTULO VIII .....	90
A DIFICULDADE EM SER HUMANO .....	92
CAPÍTULO IX.....	104
PROVE-SE.....	106

<b>CAPÍTULO X.....</b>	<b>120</b>
<b>O ENGANO DO FAMILIAR .....</b>	<b>122</b>
<b>CAPÍTULO XI.....</b>	<b>130</b>
<b>VAI DESGRAÇAR-NOS.....</b>	<b>132</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>144</b>
<b>Biografia .....</b>	<b>146</b>

## Prefácio

Em um mundo que frequentemente nos impulsiona a seguir o ritmo acelerado da vida moderna, muitas vezes esquecemos de pausar e reflectir sobre os pequenos momentos que compõem nosso dia a dia. "Um Pouco do Dia-a-Dia" surge como um convite à contemplação, uma colectânea de pensamentos que nos instiga a valorizar o ordinário e a encontrar beleza nas rotinas cotidianas.

Este livro é uma jornada íntima, onde cada página nos convida a olhar para o presente com novos olhos. As reflexões aqui apresentadas nos ajudam a resgatar a importância dos detalhes, a magia das interacções simples e a profundidade das experiências comuns. Através de uma prosa acessível e tocante, o autor nos guia por labirintos de emoções e insights que ressoam com nossas próprias vivências.

À medida que nos deixamos levar por essas palavras, somos encorajados a desacelerar, a escutar o que nosso coração tem a dizer e a encontrar significado nas pequenas coisas. Que este livro seja uma fonte de inspiração e um lembrete de que, mesmo nas rotinas mais simples, há sempre um pouco de extraordinário a ser descoberto.

Espero que você, leitor, se permita mergulhar nesse universo de pensamentos e, quem sabe, redescobrir a beleza que reside em cada dia.

Boa leitura!



# CAPÍTULO I





# QUANDO O AUTOCARRO ESTÁ CHEIO

É mais fácil dizer que o autocarro  
já cheio quando já se está dentro

A vida nas cidades quando comparada com a vida nas zonas rurais, talvez a compararíamos com a distância entre o Sol e a Terra. Ela é cheia de correria, na maior parte das vezes, causadora de um grande desgaste mental e, parte disto, causada pela tremenda necessidade de se deslocar de casa para a escola ou mesmo local de serviço, percorrendo diariamente longas ou curtas distâncias. No entanto, há sempre que se fazer o uso de veículos pessoais ou mesmo públicos, isto é, autocarros, por exemplo.

Lembro-me, certa vez saindo eu de casa, cheguei à paragem de autocarros públicos, por volta das 5 horas e 45 minutos.

Podia parecer muito cedo para um e outro, nem por isso. Mas em Angola até o 'Kunanga' é ocupado. Tão logo, cheguei ali (paragem), encontrei gente de quase todo tipo: estudantes, trabalhadores (funcionários públicos e privados), comerciantes....

Como ainda não havia amanhecido tão bem, perguntei-me se não havia uma outra forma de viver bem ou ter um futuro promissor sem passar por toda aquela situação: frio, xingamento de gente que quer chegar cedo, acordando tarde!? Infelizmente percebi que não, ou pelo menos ainda não tinha encontrado a resposta.

Não tardou e o autocarro chegou, acontecendo nesse instante algo bastante interessante:

Vi pessoas empurrando-se umas com outras, tentando disputar uma vaga(banco); jovens não davam mais prioridade aos adultos, nem mesmo os adultos priorizavam as crianças, e senti por elas. Por determinado momento ,quis saber o porquê que as pessoas se empurravam, nas circunstâncias em que o motorista já tinha anunciado sair da paragem somente quando todo mundo subisse.

Bem, mesmo não havendo ninguém para me responder, enquanto percorríamos a viagem, alguém espantosamente começou então a esclarecer-me: a minha mente dizendo que, muitas vezes nós disputamos por um banco no autocarro da vida, não para chegar ao destino com maior rapidez, afinal, estamos mesmo num único transporte, mas pela pretensão de chegar ao destino sem se ferir ou mesmo cansar-se, não se importando assim com quem está ao nosso redor.

A sociedade moderna, ao longo deste período de vida tem me ensinado que quando queremos alcançar algo que talvez seja o ideal, devemos e precisaremos sair da nossa zona de conforto, sem no entanto, pisar outros para subirmos, antes que nos arrependamos por toda a eternidade, se a mesma existir algures.

Assim, chegamos ao destino e decidi pedir ao gerente do autocarro, ou seja, ao cobrador para me deixar em frente à Administração Municipal, no sentido de fazer a emissão do Cartão de Múncipe, que na época das eleições gerais constituía num dos requisitos para ter parte da inscrição ou candidatura à uma das vagas nas mesas das assembleias de voto. Ali estava eu descendo, ouvindo murmúrios de gente que vai à guerra sem querer sair ferido; gente que anda no autocarro público sem querer andar apertada.

Pela janela, a minha pressão cardíaca já estava aumentar. Não se tratava de problemas de saúde, aliás, saúde é coisa de nossa cabeça!

Os meus olhos acabavam de mexer com o meu coração ao ver uma longa fila de pessoas ( também não poderiam ser animais, muito menos selvagens, apesar de que Darwin afirmava que o são) que ali tinham chegado por volta das 4 horas da manhã.

Confesso que não quis mais descer quando vi aquela longa fila e também já tinha solicitado a parada obrigatória, restava-me apenas descer ,ainda mais porque já não havia outra forma de inverter o quadro . Talvez houvesse, mas havia necessidade de ter mais outro valor monetário para fazer a catraca rodar e registar novamente.

Foi ali onde aprendi que, às vezes teremos de parar ao meio, no caminho da vida, porque atrás já passamos e em frente nada teremos a fazer se não resolvermos a situação pelo meio; fazer o inverso é adiar problemas e não os fazer desaparecer.

Naquele dia, pela primeira vez, fui paciente numa fila, uma vez que se é geralmente, no hospital. Se ainda não percebeu, caro leitor, releia a frase. Se mesmo assim fazendo, não entender, consulte o médico; se apresentar o mesmo comportamento, ele o encaminhará para a psiquiatria. Provavelmente entenderá a sua condição, antes mesmo que um especialista da área em causa venha ter consigo. Tudo por estares naquele local.

Terminei de emitir o documento, ora importantíssimo para mim, não em si, como meio mas como fim, isto porque sabia que naquele momento teria o emprego em minhas mãos. Até agora, enquanto jovem, são duas coisas pelas quais temos de ir atrás (cedo ou tarde): Emprego e Namorada. Isto quer dizer, dos nossos sonhos.

O mais interessante nisso, o dito popular ensina-nos que amor não enche a barriga, referindo-se às relações (namoro) entre jovens. Deste modo, talvez ficasse mais fácil ao homem ir atrás de um emprego antes de ir atrás

de uma namorada, conquanto ambos estejam previamente bem resolvidos com Deus. No caso de um cristão, pois que, como Ele, por exemplo, tratará banco bem dela se não respeita sequer os princípios divinos? Caso o meu caríssimo leitor seja um desigrejado ou afiliado à uma denominação, então precisas primeiro ser fiel aos seus próprios valores éticos e morais por si primados, atrás do emprego. E não é de menos que se diz que a juventude actualmente sofre por essas três causas: síndrome de emprego, de imagem e de universidade.

Neste sentido, até a própria Bíblia Sagrada, faz uma possível alusão a isto (função do homem e mulher no lar), quando diz:

" Não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idónea ".

Enquanto escrevo, hoje, 10/07/2023, 14h, sou estudante do último ano (13 classe) da Escola de Magistério Secundário N° 135, da Especialidade de Biologia-Química.

Em Química, uma das áreas às quais mais detesto é a parte referente à Estequiometria e, no presente momento, estou dando rodeios a um amigo meu do curso de Engenharia Mecânica do ISPI, que constantemente me vem trazendo exercícios fornecidos pelo Departamento de Ciências Básicas daquela instituição, no sentido de o ajudar a resolver, mas estou a alegar, infelizmente, a falta de tempo- O Problema do Orgulho.

Quando estava frequentando a 10ª Classe, pedia explicações também e, sendo assim, responsabilizava-me em preparar papel branco, lápis, esferográfica e máquina calculadora.

Com base nesta ilustração, percebe que o ajudado tem de preparar previamente as condições. Portanto, seria bom se todo o aquele com pretensão de casar (o namorado) se considerasse ajudado.

Com lábios secos, sol ardente, camisa preta e acastanhada ... dirigia-me à paragem de autocarros para regressar à casa, todo feliz por ter o documento em mão apesar de tudo.

Lá estava eu, esperando, e graças a ... o mesmo chegou e subi! Ao longo da viagem apenas ouvia gente contando as victórias do dia, assim como as derrotas. E então, como sempre, perguntei-me a respeito do momento em que teria também a oportunidade de contar sobre as minhas victórias e derrotas. Mas o problema que se me apresentava no momento era de que ainda nem mesmo tinha lutado, ou melhor, estava apenas na fase de afiar a espada para a guerra, ao tratar a dita documentação. Também precisava aprender que, ter a espada na mão não é sinónimo de victória, principalmente nas circunstâncias em que nem mesmo a guerra tivera começado. Foi ali onde percebi que estava SINCERAMENTE ERRADO ao pensar que tendo o cartão de munícipe em mão, me garantiria uma vaga nas Assembleias de Voto. Dito isto, entenda que nesta vida haverá momentos em que estará sinceramente errado em todas as dimensões da vida, por um motivo muito simples: ausência de alguém para poder explicar-lhe a sua verdadeira condição. No entanto, isto só se estiver pronto para dar ouvidos aos outros, porque muitas vezes, a vontade de alcançar algo é tanta, de certo que nos tornamos surdos e perdemos a noção de que o próximo é o meu espelho, o qual não apenas me serve de de meio para me rever através da visão, mas também da audição. Espero que até aqui me esteja a entender! Vamos nessa ... continue viajando comigo.

Nunca consegui ser hábil ou bom na disciplina de Física, mas confesso-lhe que já fui variadíssimas vezes obrigado a saber calcular o tempo, isto é, conhecer o horário de partida do autocarro, o número da possível chegada do mesmo, baseado no provável número de paragens pelo caminho. É aqui onde pretendo fazer-lhe saber o foco deste capítulo, a grande verdade. Simplesmente isso. Abra o teu cérebro e entenda.

O sol já estava se pondo, pessoas abandonavam os postos de trabalho em direcção às paragens que se mantinham todas com as tardes, talvez pelo elevado número de pessoas por lá concentradas ou mesmo pela insuficiência de autocarros. Enquanto isso, eu quase morria sufocado lá dentro do autocarro, mas uma vez pobre, digo: antes sufocado no autocarro que cadáver na ambulância.

E numa destas paragens, um senhor de cabelos cumpridos, loiros, gritou:

-Já está cheio, não tem mais espaço!

Estas palavras ecoaram dentro de mim com grande ímpeto e ficaram marcadas no meu coração para toda a vida.

Tendo ouvido isto, perguntei-me:

- Por quê diria eu tal coisa estando dentro se ele estivesse fora?

A partir daquele instante, entendi perfeitamente que aquele senhor tinha respondido com o coração. Isto porque **É MAIS FÁCIL AFIRMAR QUE O AUTOCARRO JÁ ESTÁ CHEIO QUANDO SE ESTÁ DENTRO DELE.**

Na actualidade, pessoas de/na elite deixaram de compreender o sofrimento do povo, que também é o seu próximo, por pensar, apesar de ser na sinceridade, que o povo também está na elite. É por esta causa que muitos falam dos pobres mas poucos falam com os pobres; jindungo só arde no olho do outro, por não estar a sentir

Deixe-me usar esta ilustração para o fazer perceber melhor:

Um certo cristão estando ele a almoçar, feliz da vida, decide telefonar para o seu irmão na fé e, de facto, trataram de vários assuntos. Porém, no final da conversa achou ideal desejar ao outro “bom apetite”.

Diante daquela situação, o amigo respondeu num tom de voz bastante estranho, porque por mais interessante que pareça, este seu amigo estava envolvido em um programa de Jejum naquele dia.

Pare e pense, a intenção foi boa, mas aquele não seria o momento ideal para o fazer. Portanto, precisamos aprender a nos colocar no lugar de outrem. Muito obrigado por teres lido até aqui, prossiga comigo!





# CAPÍTULO II



## O REDUNDANTE ANGOLANO

O óbvio não se pergunta, aceita-se

Sinceramente, estamos diante de uma perspectiva teórica que se afasta da ideia de aprendizagem. Quero com isto dizer que, ao se fala de linguagem é necessário ter em conta que se está a referir a um conjunto de sinais técnico-científicos usados numa determinada ciência de uma língua.

Analise um pouco, antes de se entrar em detalhes no assunto acima mencionado, percebamos que tão logo a criança começa a falar, isto é, articular algumas palavras produzindo sons, ela recorre à fala do outro, incorpora fragmentos das cenas entre ela e o outro. É por esta razão que a entrada da criança na linguagem é determinada pela fala do outro, encadeando os significados e produzindo sentido.

Recordo-me que determinada vez viajei para o município da Matala no sentido de passar férias em casa da irmã de minha mãe biológica, que entre nós angolanos também é minha mãe. Lá cheguei e fui muito bem recebido, entretanto, logo de manhã cedo despertei, levantei-me, orei ( uma vez que me considero cristão ), e posteriormente decidi dirigir-me à sala para dar um bom dia à família.

Quando nem mesmo tinha dito algo, fui surpreendido:

- Já acordaste?

Acredito, para não dizer sei, que tal questão também já te foi dirigida e gostaria de saber que responderia ou respondeu. O mais preocupante parece que no seio de nós angolanos vai se tornando cada vez mais

comum e talvez seja mais um indicador da verdadeira responsabilidade que pesa sobre os professores de Língua Portuguesa.

Respondendo a pergunta, confesso que naquele momento me deu vontade de dizer “não, ainda estou a dormir”.

Imagino que alguém considerasse ser uma forma de faltar respeito, mas, deixe-me dizê-lo de princípio que, deixe de pensar que ter ética é deixar de falar a verdade quando é necessário, isto chama-se hipocrisia. Assim, provavelmente não saiba, não se tenha apercebido, mas este é um dos erros que a geração actual vem a cometer e a achar ser isso normal: questionar algo ou perguntar quando algo já está mais claro que a água, achando que deste jeito tornar-se-á mais sábia.

Não sou contra a ideia ou mesmo o acto de fazer questões, muito pelo contrário, essa é uma das coisas pela qual eu mais amo fazer, tanto que percebe que nas reflexões que estamos a fazer, estou a usar bastante o método interrogativo, não para saber, mas para lhe fazer saber. Este é um método bastante antigo, usado sobretudo na Grécia Antiga, pelos sofistas para persuadir o povo e inclusive o próprio Jesus Cristo mostrou-se ser alguém a usar constantemente esta técnica. Veja:

Mateus 19:16-17

[16] E eis que, aproximando-se dele um mancebo, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna?

[17] E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.

Ainda vemos outro caso de Jesus:

Mateus 21:23-24

[23] E, chegando ao templo, acercaram-se dele, estando já ensinando, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo, dizendo: Com que autoridade fazes isto? E quem te deu tal autoridade?

[24] E Jesus, respondendo, disse-lhes: Eu também vos perguntarei uma coisa; se ma disserdes, também eu vos direi com que autoridade faço isto.

Perguntas do género são bastante comuns nos Evangelhos. Deste modo, é necessário saber que é bom questionar, mas não a ponto de perder a cabeça ou fazer o cérebro cair para fora.

Muitas vezes, questões das quais eu chamo de redundantes neste livro são muito comuns e surgem quando menos se espera, e se exige de cada um de nós a necessidade de estar pronto para responder pacientemente e correctamente . Eis aqui alguns contextos, estando:

- na mesa - estás a comer?
- na sala a escrever - estudando?
- de pé- em pé?
- sentado- sempre sentado?
- único em casa - sempre sozinho?
- Internado no hospital - sempre doente?
- lendo- sempre a estudar?
- no carro - de carro?

Isto é apenas para que possa ter uma ideia. Dizem que na comunicação o importante é a percepção entre os locutores. Será somente isto comunicação mesmo? Deixemos aberto para a discussão, porém, talvez neste contexto só tem havido entendimento porque um dos interlocutores é obrigado a perceber previamente fazendo uma leitura e interpretação de seus pensamentos, isto é, da intenção. Por isso, precisa entender que nem sempre as pessoas vão entender a nossa intenção e se entenderem, afirmo categoricamente que na maior parte das vezes será mal compreendido. Portanto, esforcemo-nos para que as pessoas não entendam o que queríamos dizer, mas sim aquilo que foi dito. Somente com isto aprenderemos que não adianta falar muito sem dizer nada.

Deixe de ser um angolano redundante!

# CAPÍTULO III





## QUE MAIS FAREI!?

Choraremos mais na vida pelas palavras que ouviremos  
que por um tapa na cara

Quando perguntaram certa vez a Billy Graham:

- O que mais o marcou nesta vida?

Respondeu sabiamente, dizendo:

- A brevidade dela.

Interessantemente! Salomão faz uma alusão a isto quando compara a vida com um sopro ou algo passageiro.

Todos nós ao longo de nossa passagem por esta terra já nos perguntamos:

1. Quem sou?
2. De onde venho?
3. Para onde vou?

Quanto a terceira questão talvez associarmos com a importância de nos esforçarmos para alcançar o nosso objectivo, aquilo que nos faz falta, que Platão chama de 'desejo'. E nesta busca frenética deparamo-nos com vários empecilhos causados por pessoas à nossa volta, como: familiares, vizinhos, amigos, colegas, ou mesmo irmãos de igreja aos quais se professa a mesma fé.

Sinceramente, comigo aconteceu já de maneiras repetitivas, na vida religiosa e académica, principalmente quando o assunto é acerca de

quem adorar e como O adorar, ou mesmo que curso ou formação seguir na escola ou faculdade.

Encontraremos mais problemas na vida do que imaginamos; choraremos mais na vida que rir; encontraremos mais discordâncias que concordâncias; perderemos mais na vida em relação ao ganho. Pode até parecer sem sentido, mas se parar e reflectir, perceberá que a quantidade de dias que passamos em vida sobre a face da terra é muito inferior em relação ao número de dias que estaremos debaixo da terra descansando conforme alguns preferem dizer e outros nem por isso.

Assim:

\*como estudante:

- Fiz o cabelo crescer até ao infinito por alegações culturais e de saúde, perdi provas e cheguei a ser expulso da Escola mesmo estando ele organizado;

\* como certificado:

- Procurei emprego e não encontrei; fui submetido ao exame de ingresso ao ensino superior e Ministério da Educação, também não fui admitido.

Aí percebi que não basta estar certificado, mas sim capacitado.

\* como religioso (cristão):

- Não usei gravata na igreja e fui julgado como sendo o menos espiritual de todos e o meu inferno foi passível de adiantamento. Assim como, outra vez já não soube em quem acreditar porque foi exactamente na mesma semana quando vi um orador ou pregador conforme o leitor preferir chamar, a pregar dizendo que quem usa gravata tinha já o inferno garantido e enquanto ele dizia isso e muito mais, percebi que também

estava usando cordões de marca, relógios e meias caras produzidas na mesma empresa de onde veio a gravata. Concluí que temos por costume indicar um dedo a outros, esquecendo-se de que outros quatro dedos nos estão condenando quatro vezes mais só pelo facto de não reconhecermos os nossos próprios erros. Portanto, melhor é um erro cometido e reconhecido que mil erros mesmo sem ser praticados não se reconhece.

\* como motorista:

- mesmo com carta de condução o meu veículo foi preso porque o agente de trânsito procurava algo além da manutenção, da ordem, segurança e tranquilidade pública.

\* como autocarrista ou ô nibista:

- madruguei-me em direcção à paragem, esperando pelo autocarro e a única coisa que recebi foram xingamentos, frio ... sem mesmo conseguir subir, mesmo fazendo tudo que estava ao meu alcance. Talvez alguém diria que, se eu fizesse o que estava ao meu alcance subiria, deduzindo assim, talvez eu tenha sido negligente. Mas digo-lhe, se eu subisse naquele momento e em tais circunstâncias, tornar-me-ia como eles: que sobem pisando outros.

\* como ser higiénico:

- decidi ir tomar banho e fui julgado por negros como eu, dizendo que não saí do mesmo mulato. De um branco entenderiam; porém, é ainda mais triste quando o promotor do racismo entre negros é o próprio negro. Quando digo que entenderia o branco, não estou a dizer que ele tem razão; percebo exactamente que nestas circunstâncias ele está a ser pior em relação ao ignorante, porque quarto de banho não é sala de cirurgia plástica.

\* como leitor:

- Li, mas não percebi nada. Ouvi gente dizendo que o meu quociente de burrice estava muito elevado e que precisava de uma consulta, considerando que eu era anormal. Foi quando entendi que muitos escrevem para falar para alguém e não com alguém. Não são os jovens que deixaram de ler; mas o tipo de conteúdo produzido.

\* como orador:

- tentei explicar, mas disseram-me que mais vale o meu silêncio. Cheguei à conclusão que há coisas que só não vamos perceber por não quisermos aceitar a realidade.

\* como rico:

- começaram a dizer que comecei a estranhar-me, mas tais pessoas precisavam entender que, à medida que os tempos passam, algumas roupas deixam de nos couber. Alguns até mesmo chegaram de me chamar feiticeiro, também conclui que a principal característica do feiticeiro é ter um poder de decisão e distinção muito baixo e pessoas que julgavam dizendo que eu era feiticeiro não conseguiam posicionar-se ante à minha pessoa, pois que, sendo pobre, chamaram-me de preguiçoso.

- Apenas me falei, deduziram que sou humilde;

- Quis apenas descansar, chamaram-me de preguiçoso;

- Fui à Psiquiatria, chamaram-me de maluco;

- Discordei do Professor, fui tido por indisciplinado;

- Questionei sobre Deus, disseram-me que estava me tornando ateu;

- Inventei a minissaia, disseram que aumentei a violência sexual;

Só me resta saber:

Que mais farei?

Mesmo discordando, aprenda sobre a arte de respeitar o pensamento alheio.



# CAPÍTULO IV





## QUEM MATOU?

A corda presente na sua mão pode tirá-lo

do buraco, como afogá-lo

Eu sou escuro, ou melhor, de pele escura, para não dizer preto. Se fosse assim, quem seria o meu irmão?

Será o António, o João, o Benito, o Eudes?

Não, de jeito nenhum, o carvão!

Questionei-me sobre o porquê Deus me fizera negro. Se as coisas tendem a evoluir do simples para o complexo, então, todas as coisas tangíveis estariam a ir em direcção ao ideal, que não está presente neste mundo corrupto.

Ouvi por muito tempo teólogos e não médicos a defenderem que assim como a vitamina D só pode ser obtida pela luz solar, também temos um vazio em nosso coração ao qual só Deus pode preencher. Ou seja, estamos em busca do ideal.

Então, voltei a perguntar-me:

- seria a cor branca o ideal? Basta só olhar a Medicina no âmbito das cirurgias plásticas, por exemplo.

Ainda não encontrei a resposta exacta, mas de uma coisa eu sei: Se Deus nos fez negros ou brancos, isso não me interessa porque o céu é lugar para santo e não negro ou branco. Nós temos um Deus de diversidade e é ali onde se reflecte a beleza de tudo o que existe neste universo infinito (não confunda com o planeta, que é parte do universo).

Interessante que hoje o mundo anda mergulhado na onda do relativismo, decerto que, vem para parar ou convergir o conceito de Diversidade.

Tenho aprendido ao longo de todos esses anos de vida que, a partir do momento em que diferentes pessoas começarem a conviver sem brigar ou guerrear, então, teremos evoluído o suficiente. Em outras palavras, teremos compreendido plenamente o conceito de RESPEITO - quando diferentes pessoas começam a conviver harmoniosamente.

Fui ensinado desde muito cedo pelos meus queridos pais a nunca usar chapéu dentro do templo de Deus como sendo uma forma de manifestação de respeito.

Enquanto eu ia crescendo, fui conheci e adquiri novas formas de encarar o mundo e percebi, de facto, que as coisas, doutrinas, valores, regulamentos eram mesmo relativos. Antes que o leitor diga:

- E só percebeste agora?

Raciocine comigo sobre o respeito que tanto se pede e ainda acho e comparo ele com uma corda, que nos pode tirar do buraco como nos matar, dependentemente do local e das circunstâncias.

Se algum dia visitar uma sinagoga (judaica), perceberá perfeitamente que manifestam respeito diante de Deus usando chapéu (Kipá) no templo. Numa mesquita (muçulmana) manifestam este valor descalçando os sapatos e num templo católico, por exemplo, seria uma autêntica desonra a Deus (colocando de parte bispos... que às vezes um ' chapéu').

Foi esta concepção que me fez nunca mais esquecer o conceito de diversidade!

Respeito aqui, pode ser desrespeito lá. E isso, chama-se relatividade de valores!

A verdade de hoje, pode ser a mentira de amanhã.

O que é a verdade?

Está aberto à discussão.

Alguns dizem que é aquilo que nos permite distinguir o certo do errado.  
Ou ainda, é o contrário da mentira.

Existem verdades? Como saber?

Novamente abrimos o espaço para discussão.

Difícilmente um bom historiador, filósofo, professor, abordaria o conceito de verdade sem querer trazer à tona a questão dos mitos.

O que são mitos?

São verdades?

Já foram?

De que depende a verdade?

De quem depende a verdade?

A verdade já foi mito? Ou o mito foi a verdade em fase germinativa?

Como sempre, não vou responder, é para reflectir e procurar a resposta a qual nem o "O Tio Google" te vai dar.

Neste momento, passa-me o seguinte na imaginação, e o leitor dirá se é mito ou verdade, quem sabe se a verdade não é mito, o que é diferente de dizer que a verdade é um mito:

Vi-o uma vez a andar pela rua, com o seu iPhone 13. De repente percebeu que estava a ser seguido por pessoas que aparentavam ser ladrões, lá por volta das 19 horas. Então, começa a apressar os passos, mais logo, a correr, e eles também o fazem e o momento de tensão começa mesmo em tais circunstâncias, pensou em esconder-se num local mais escuro onde não pudessem localizá-lo facilmente. Por alguns minutos agradece a Deus por o ter livrado do perigo, uma vez que nem tu os vias mais. Enquanto a cena, estava a decorrer, mandou mensagem em casa para que lhe viessem socorrer.

O socorro respondeu com uma outra mensagem e inesperadamente a resposta entra, entretanto, de uma coisa se esqueceu: sempre que entra uma notificação no seu dispositivo o flash liga. E aí não foi diferente!

Com isto, os meliantes aperceberam-se de uma luz brilhando à distância e que rapidamente tinha sido apagada.

Sem recar atiraram com uma arma, uma bala naquele local e acertadamente foi atingido no peito. Sangue a escorrer em meio à escuridão, dores que não permitiam gritar, porque era necessário simular que não havia lá nada.

Ainda findo por aqui e pergunto:

-Quem matou?

-Serão os meliantes que mataram?

-Será o socorro que respondeu a mensagem de volta, fazendo o telefone ligar o flash, fazendo ele ser descoberto e morto?

- Ou será o telefone que acendeu e fê-la ser descoberta?

A resposta dada por si vai determinar bastante a sua capacidade de fazer julgamentos mais próximos do ideal.

A nossa aventura continua. Mbora lá!



# CAPÍTULO V





## QUANDO VALE APENAS SOFRER

Eu era feliz com o meu

pão até trazerem um bolo

Ao longo desta nossa maravilhosa conversa abordamos a questão que tem que ver com a nossa própria existência. Questões como estas são comuns em determinados momentos ou fases da nossa vida:

- Quem sou eu?
- De onde venho?
- Por quê estou aqui?
- Para onde vou ? Como?

Relativamente à penúltima questão, já a fiz várias vezes a mim mesmo, sobretudo num país como o nosso (Angola). Deste modo, descrever Angola assemelha-se a trazer ao público o Presidente da República e pedir ao povo que descrevessem as suas boas qualidades ou mesmo os seus atributos nas mais variadas dimensões. Obviamente, cada um talvez o fará segundo os benefícios directos recebidos da parte do mesmo.

Vamos ainda recuar um pouco no tempo; após à realização das eleições gerais em 2022, assim como o anúncio dos resultados de tais eleições do partido vencedor, vários militantes do partido da oposição lançaram fortes críticas aos cidadãos que tinham votado ao partido vencedor, por causa das prováveis coisa que o mesmo tinha feito nos cinco anos que antecederam as eleições gerais do ano em causa.

A estória abaixo talvez illustre melhor esta situação, conforme contada pelo Dr. Rodrigo Silva, Professor, Arqueólogo, Teólogo, Jornalista e Pastor, no livro O Ceticismo da Fé:

"Se os porcos pudessem votar, o homem com o balde de comida seria eleito sempre, não importa quantos porcos ele já tenha abatido".

" Conta-se uma lenda vinculada a Stalin, que foi reproduzida pelo consagrado novelista russo Chingiz Aitmatov num artigo do jornal Sovetskaya Kirgiziya publicado em 6 de maio de 1988 36: "Em uma de suas reuniões, o ditador pediu que lhe trouxessem uma galinha. Agarrou-a forte com uma das mãos enquanto a depenava com a outra. A galinha, desesperada pela dor, quis fugir, mas não pôde. Assim, Stalin tirou todas suas penas, dizendo aos seus colaboradores: -agora, observem o que vai acontecer. Stalin soltou a galinha no chão e afastou-se um pouco dela. Pegou um punhado de grãos de trigo e, enquanto seus colaboradores viam, assombrados, como a galinha assustada, dolorida e sangrando, corria atrás de Stalin e tentava agarrar a barra de sua calça, enquanto este lhe jogava uns grãos de trigo, dando voltas pela sala. A galinha o seguia por todos os lados. Então, ele olhou novamente para seus auxiliares, que estavam totalmente surpreendidos, e disse-os: -assim facilmente se governa os estúpidos. Viram como a galinha me seguiu, apesar da dor que lhe causei? Do mesmo modo é a maioria das pessoas. Seguem seus dirigentes, apesar da dor que estes lhes causam, pelo simples gesto de receber um benefício barato ou algo para se alimentar por um ou dois dias".

Essa é uma estória que, de facto, marca-me bastante, pois que, demonstra até certo ponto, a irracionalidade do ser humano, principalmente o povo da periferia, não pela localização,mas pela passividade em cair em situações do género relacionada à precariedade de aceitar sem questionar . Até a este ponto é normal, porém, a maior preocupação é que este constitui a maioria, razão pela qual alguém se pronunciou dizendo que, sempre que estiveres ao lado da maioria é momento de parar e reflectir. Actualmente já não é tão preocupante assim quando a grande massa da maioria está contra algo ou vence por que afinal a história nos tem vindo a mostrar, provar que a maioria já nunca esteve certa?

De que lado estás? Não te estou incentivando a estar do lado mais fraco, mas comece a questionar também o que a maioria acredita, se for religião, podes relaxar que não será tido por ateu. É por isso que tem um cérebro, é para raciocinar, tomar escolhas frutos de uma enorme reflexão. Sempre que for possível, procure influenciar, mas jamais deixe-se influenciar, uma vez que isto lhe fará perder a identidade e estará eternamente perdido num meio cultural.

Enquanto isso, vamos ainda voltar ao início de nossa reflexão. Agora já fica bastante claro que cada um irá descrever a figura do Presidente em função dos benefícios directos recebidos dele e de Angola, em função daquilo que está disponível ao seu redor ou no meio onde o mesmo vive.

Deixe-me falar mais um pouquinho sobre as minhas vivências. Enquanto vivi na aldeia do Malipi, Município de Quipungo, Província da Huíla, ouvia dos meus irmãos a lamentar pelo elevado índice de sofrimento e a criticar as políticas de gestão do governo, na pessoa do Governador, nos seguintes termos:

- Já não está a fazer nada!

- Ele mesmo só está a comer o nosso dinheiro...

- Ainda assim o arroz subiu mais ... mba não sei se vamos parar onde... até parece que o Diabo mandou o representante dele no nosso país!

- No hospital só dão mesmo já receita ... até nem sei mais!

Ao fazermos uma análise mais aprofundada, se fosse para pedir este povo para descrever Angola, certamente dirão que este país não presta, ainda precisa crescer muito e o presidente ou o governador devem abandonar o poder o mais rápido possível.

Na verdade, não seria uma atitude aceitável tanto da parte da liderança quanto do liderados, isto porque é de carácter importante que um líder tenha a capacidade de desenvolver a esperança no coração do povo ou dos liderados, mudando assim a maneira de enxergar as coisas da parte dos mesmos. Até mesmo em meio à guerra é possível sorrir, dependendo sobretudo da motivação do general ou capitão do exército (líder). Tem se dito que o sucesso de uma guerra não depende somente dos soldados, mas do general. Não existem maus soldados, somente maus generais, porque os soldados só obedecem a ordens do general. No entanto, se me disser que às vezes há um entre os soldados com más intenções ou pertence ao inimigo e está de tudo fazendo para que as coisas não dêem certo; saiba que não está a cumprir com o seu papel de general, e a necessidade de reorganizar o plano de actuação é urgente.

Não são somente as armas que garantem vitória na batalha, mas a vontade dos soldados revelada na vontade e sacrifício do general pelo seu exército.

Continuando...

Quando me mudei para a Cidade do Lubango, onde vivo hoje, na época, com o objectivo de dar seguimento aos estudos, sinceramente deparei-me com uma realidade bastante diferente da qual eu me tinha habituado. Só para teres uma ideia:

- Onde eu via folhas verdes ... passei a ver carros, fábricas, pessoas chorando, dirigindo-se ao cemitério, acidentes nas estradas com sangue espalhado pela estrada, braços quebrados, pessoas gemendo de dores, e muitos outros serviços que, de certa maneira, retiravam a tranquilidade da alma;

Desde muito cedo fui ensinado a nunca encontrar pessoa alguma pelo caminho, passando sem a saudar, assim como na minha antiga comunidade toda procuravam saudar sempre que encontrassem alguém pelo caminho. Entretanto, na cidade as coisas pareciam ter mudado, porque as pessoas cruzavam umas com as outras e ninguém estava preocupado em saudar o outro, na calçada e confesso que, de início, achei que fossem mal-educados.

Com o tempo fui me adaptando e tendo outra visão das coisas. Certa vez, enquanto voltava da escola fui interpelado por um Jornalista que estava a preparar uma matéria para transmitir, em alusão ao dia 11 de Novembro, Dia da Independência de Angola desde 1975, isto é, sobretudo os novos ganhos.

Porém, antes que as questões me fossem colocadas, começaram a passar pela minha memória algumas imagens sobre a minha antiga instituição de ensino, o ar condicionado que lá havia, na Sé Catedral, que acabara de ser reabilitada, para o seu jardim verde bem irrigado, para os carros bonitos que circulavam pela estrada, mesmo sem nunca ter andado neles ... então, decidi responder firmemente ao Jornalista:

- De facto, estes 45 anos que amanhã o país completo, são de grande significado e, por sua vez, tal Independência fez com que o país evoluísse bastante, principalmente através da construção de escolas, hospitais, mais fábricas, novos caminhos-de-ferro, maior aposta na agricultura, na educação pela oferta de bolsas de estudo anualmente, cidades coloniais sendo remodeladas ... tudo isso fruto da ausência da guerra.

Aí o leitor percebe que eu descrevi Angola pós-independência em função daquilo que estava ao meu redor, assim como talvez o povo da aldeia ou mesmo periferia descreveria de maneira muito mais diferente.

Assim, sempre que se avizinham as eleições, é claramente notável os políticos nesta fase quiserem fazer visitas massivas aos bairros da periferia para sensibilizar com palavras que os incentivem a votar, deixando alguma esperança no coração, dizendo que nos próximos anos quando o mesmo candidato vencer as eleições poderá mudar a situação, porém, após tal vitória, desaparece totalmente. Enquanto propagandam, também vão fazendo distribuição de bens alimentares e outros, como forma de preparar a mentalidade do povo na aceitação passiva do discurso.

Alguns dizem que Luanda é uma cidade linda; também não duvido, mas recomendo-o a assistir ao televisivo " Fala Angola " e a consciência falará por si. Isto talvez seja aquilo que eu chamaria de divergência analítico-descritiva.

Quando olhamos para toda esta realidade, uma questão se coloca:

A quem cabe a responsabilidade de sustentar alguém após ao seu nascimento? Tendo em conta o elevado nível de reclamações, críticas ...

Pode até parecer brincadeira, mas estamos a tornar-nos cada vez mais deficientes e dependentes do estado. Possivelmente Jean Baptiste Lamarck caso estivesse vivo apregoar-nos-ia acerca da sua Lei do Uso e Desuso, no sentido de nos despertar-nos da sonolência em que nos encontramos hoje nas variadas dimensões como esta que cá é referida e sobre os perigos que corremos enquanto continuarmos a nos manter ali.

Actualmente vemos pessoas reclamando, dizendo que, por exemplo, o Governo não está a investir em salões de beleza, quando nem mesmo tal individuo cortar cabelo sabe; reclama por falta de mais emprego pelo Ministério da Educação, quando nem mesmo quer frequentar a escola e se assim for, não o conclui, ou ainda nem pelo menos o nível básico possui; falta de aposta em mais transportes públicos, quando este escolhe apenas andar a pé; falta de investimento na Cultura (Música e Humor); quando acha que tirar algum tempo para conhecer as notas musicais é perda de tempo e fazer humor é parvoíce ou quem sabe até seja simplesmente trabalho para pessoas privilegiadas.

Enquanto reclamamos, o tempo está a passar.

Ao invés de lamentar tanto, mais deveríamos ocupar-nos ou esforçar em criar condições básicas para sairmos da nossa condição difícil. É pena, mas as pessoas preferem passar 20 anos mendigando, do que passar dois nos se sacrificando para ter um futuro próspero e lindo nos próximos 18 anos. Podemos até desculpar-nos, dizendo que reclamamos pelo bem-estar dos nossos filhos ou para outros de forma geral. Lamento informar, mas saiba que muitos deles já criaram as suas condições de vida. Então, acorde!!!

Enquanto escrevo este livro, cá no meu dito primeiro trabalho, num salão de beleza, dizer que no ano anterior a este estava a trabalhar como moto-taxista e, apesar de tudo, sei muito bem que o amanhã será melhor,



porque estou a trabalhar por isso hoje. O bem de hoje foi trabalhado ontem e o bem de amanhã está a ser trabalhado hoje.

No salão onde estou a trabalhar, ouço constantemente meus colegas lamentando por conta do almoço que deixou de ser fornecido por motivos de várias ordens já explicados pelo proprietário a eles e a mim.

Ouvi um deles a lamentar mais ou menos nestas palavras:

- Eu não posso sofrer assim, sou muito jovem, ainda não tenho filhos!

Estas últimas palavras em epígrafe marcaram-me bastante por muitos motivos.

Veja, quando fui passar férias, ditas 'grandes' aos meus pais, conheci um primo meu que na época estava a frequentar o 1º Ano do curso médio de Enfermagem Geral, com bastante motivação. No entanto, este cara estava a aplicar a mesma motivação às meninas, paquerando-as e mais alguma coisa, tanto que, nem tardou para ele engravidar uma delas, tendo sido obrigado a casar-se, sendo simplesmente estudante. Assim aconteceu.

Com o ocorrido, várias consequências surgiram, como o abandono escolar, uma vez que, precisava agora sair pelas ruas procurando trabalho para sustentar a futura família que, na verdade estava bem próxima.

De vez em quando, lamentava comigo dizendo: - Estou arrependido, juro mesmo ...este tal sofrimento também já não sei mais.

Com base nisto, ao tentar fazer uma comparação entre os dois (o jovem do salão que lamentava por falta de almoço e o jovem que engravidou), chega exactamente à conclusão que a reclamação do segundo parece ser mais perceptível e lógica em relação ao do primeiro, isto porque se for

para lamentar pelo sofrimento da vida, que isto seja por um bem maior ou mesmo pelos outros. Portanto, procure sofrer sempre por alguém. Evite mesmo lamentar do sofrimento se não se está a sacrificar por alguém.

O cristão entende perfeitamente que o sofrimento de Jesus na cruz não foi em vão porque este trouxe paz.

" Quem não vive para servir, não serve para viver".

Valeu apenas ter sofrido, se por sua causa alguém veio a estar em paz, sobreviveu, não desistiu da vida profissional por sua causa. Provavelmente, este alguém seja você mesmo que procurou e procura motivos em si mesmo para não desistir, pois que, entende que pode encontrar a motivação em si mesmo e conhece a sua verdadeira actual condição que determinará o seu futuro, condicionado fortemente o seu presente.



# CAPÍTULO VI



## A ESCOLHA IRRACIONAL

Geralmente preferimos depois de escolher

A vida no seu sentido mais amplo é algo inerente a todos seres vivos, sendo também um conceito que vem a ser discutido ao longo de todos esses anos por Filósofos e Biólogos.

O próprio ser humano em si é, de facto, um ente dotado de características que o distinguem de outros animais, dos quais gostaria de realçar os mais predominantes: a racionalidade, a religiosidade, o trabalho e a fala.

Ora, todo ser humano é racional, ou seja, faz as suas actividades ou coisas com toda a noção, calculando causa e efeito, realizando previsões e muito mais, assim como tem a tendência de admirar coisas ou elementos exteriores a ele. Tudo isso fruto da sua racionalidade.

A ciência (a Filosofia) vem mostrando ao longo de todos esses anos que todo homem é por natureza religioso, entenda que não estou a dizer Católico, Budista, Islamista ...nada disso, mas sim, religioso, entendido a partir da etimologia extraída do latim, que significa voltar a ligar.

Mas nessa abordagem importa compreender e analisar se afinal em termos práticos, em que consiste a racionalidade do homem.

Certa vez, enquanto estava sentado à mesa a realizar uma tarefa de escola, com o telefone por cima, e deixe-me dizê-lo que aquela era uma casa muito linda: parede pintada à cor cinzenta, na cozinha, a minha irmã confeccionava o almoço, o cheiro exalava por todos cantos da casa. Tão logo a concluí [a tarefa], saí por alguns instantes, aproximadamente 30 minutos.

No regresso percebo que o meu telefone já não estava sobre a mesa. Surgiram naquele momento várias interrogações:

- Quem o tirou!?

- Porventura foi roubado? Quem mais seria capaz de o fazer, ainda mais que a porta está aberta?

- Terei levado ao sair, por aqueles instantes fi-lo cair pelo caminho!?

- Alguém já terá apanhado? Se assim for.

Estas e várias outras questões surgiram, entretanto, a menor das hipóteses, à qual nem pela minha cabeça tinha passado seria a solução para o problema em causa naquele momento. Assim sendo, qual?

Minutos depois alguém estava a entrar feliz da vida, sorridente e olhando para mim, disse:

- Mano, há um número desconhecido que ligou p'ra mim e parece-me ser uma moça muito bonita! Desconfio até que seja uma latina para não dizer mulata.

Interessantemente, tão logo ele disse isso, pedi-o que ligasse de volta para ela, quem sabe aquela seria a última oportunidade para ele... mas o meu problema foi não ter perguntado como sabia ele que era uma mulata, porque também não foi uma ligação do tipo vídeo-chamada. No entanto, como dizem que isso é Angola, tudo é possível. Este é um país onde pessoas fazem viagens internacionais em segundos, mais interessante é que o fazem sem pegar um vôo, mas voam sobre uma vassoura, não sabem quase nada de química, mas produzem substâncias químicas altamente perigosas, sendo a mais famosa conhecida como Tala, e na minha perspectiva, esta é pior em relação a uma pistola, porque com um tiro se morre de imediato, dependentemente da região onde for atingido,

porém, com esta substância, que eu até acho ser uma mini-bomba, a pessoa tem uma morte lenta, com dores imensu-descritiveis. Essa é a nossa Angola!!

É por esta substância ou mini-bomba que muitos rejeitaram promoção de carreira no serviço, sobretudo áreas como polícia, se for na escola, professor para coordenador da cadeira, coordenador para director da escola, se for na rádio, de simples repórter para director do centro de produção informativa, e já ouvi casos em que, até mesmo um aluno ou estudante por ser eleito como delegado de turma foi alvo desta bomba. É melhor uma bomba que destrua a sua casa em relação a uma capaz de destruir o seu próprio corpo. Esta é bomba que o deixa impossibilitado de fazer tudo, fá-lo encarar o mundo de forma negativa, pessoas já desistiram de Deus por causa dela, partindo do argumento de que de nada adianta servir a Deus se Ele não o livra de uma situação do género. É esta a ciência feita em Angola, num laboratório não controlado, sobretudo na região sul dela. É assim que clamamos por desenvolvimento quando não nos alegramos em ver o outro a ser promovido no seu local de serviço ou área de actuação. Apesar de tudo, ainda creceremos. Enquanto se vive, ainda há esperança, pena mesmo é que é em vida que pessoas estão se matando e, com isso, surge uma pergunta:

- Que tipo de esperança anseamos!?

- O que estamos a fazer enquanto esperamos!?

A capacidade de alcançarmos ou nos encontramos com aquilo que nós esperamos depende do que fazemos enquanto esperamos.

Já disse antes que se trabalha hoje pelo nosso futuro e nada pode mudar isso. Eu já comecei; prova disso é o que es tou a fazer agora, a escrever para si.



Não me considero escritor, afinal, não basta escrever para o ser.

Ainda assim, convido-o a visitar, este é apenas um lado de Angola, que já não é tão visível assim, mas é muito perceptível. É difícil encontrar um angolano que não a conheça, a não ser que este seja um estrangeiro ou angolano nacionalizado.

Este foi apenas um desvio à ideia original que estávamos a tratar, e voltemos nela.

Tão logo pedi a ele para não desperdiçar a oportunidade, este prometeu não a perder de vista, mas procurá-la até a encontrar, caso aquilo fosse de facto oportunidade, uma vez que na sociedade de hoje situações do género são passíveis de muitas interpretações:

- Como é possível falar que foi uma mulata ligou para si só pela voz?

- Como ousas chamar isso de oportunidade!? O quê? A mulata ou o facto de ter sido uma mulher a ligar para si!?

- Isso é mesmo racionalidade!?

São apenas perguntas, mas é preciso saber que a minha maior preocupação era mesmo o telefone que desapareceu sobre a mesa. Todo este diálogo que eu tive com ele era mesmo apenas simulação, e o profeta BM Samuel diria que é tudo Bungle-Bangle.

Sem hesitar perguntei:

- Não viste o meu telefone que estava em cima da mesa!? Só desapareceu de repente.

Respondeu-me:

- Ove, não me pergunta mais, eu só tirei o meu telefone que também estava na mesa.

Naquele momento pedi-o para que fosse à busca do próprio telefone que o mesmo havia tirado sobre a mesa no sentido de que eu pudesse avaliar e aferir se era meu ou não. Trouxe-o, analisei, comparei e disse-lhe:

- Lamento informar, mas o telefone é meu!

Antes até disso, fiquei a questionar-me do porquê teria ele respondido daquela maneira [conforme está negritada na resposta], diante de uma simples pergunta que talvez com um sim ou não tudo estaria resolvido!

Como sempre, foram várias interrogações que estavam surgindo, assim como várias respostas. Concluí que respondeu daquela maneira porque o seu estado emocional não estava bem, no entanto, preferi ficar com a resposta de que a sua resposta denotasse a existência de mais de um telefone sobre a mesa <<< só tirei o meu telefone>>>.

Algo que me chamou muita atenção é de algo característico em nós angolanos em responder diferentemente a pergunta que nos é/foi colocada; quando digo diferente, refiro-me ao facto de responder muito distante da pergunta, ou até, responder o que foi perguntado com alguns detalhes adicionais. Esse é um erro grave. Custou-me muito caro em algumas provas na Universidade. Alguém perguntava o quê, e eu respondia o quê e mais qual.

Lembro-me, enquanto estava a estudar a 7ª Classe, uma das questões da prova de Biologia:

- O que é a Biologia?

Eu respondi:

- A Biologia é a ciência que estuda a vida e seus fenómenos vitais, e o seu objecto de estudo são os seres vivos.

Obs.: Não avalie ainda se o conteúdo da resposta em si está correcto ou não.

Quando para para analisar você entende exactamente que comecei respondendo muito bem ao dar resposta ao que era a Biologia, e piorei a situação quando respondi também o objecto de estudo dela. Talvez você dirá:

- Mas não está errado responder assim!

Eu pergunto:

- O que estaria errado!?

E você diria:

- A resposta.

Eu digo:

- Onde está o erro na resposta!?

Mais uma vez diria:

- Nenhum, porque esta é a definição de Biologia e também este é o seu objecto de estudo.

E eu digo:

- Há erro, sim. Não no conteúdo, mas no enquadramento do conteúdo ao contexto da pergunta.

E você pergunta:

- Como assim?

Amavelmente, respondo:

- Vejamos, a prova orientava-o para definir o que era a Biologia, expressa na pergunta [o quê é] e não o objecto de estudo dela que estaria expresso na pergunta [qual]. Isso quer dizer, quando alguém lhe pergunta o que é, não responda qual, mas somente o que é e ponto final. Afinal, a sabedoria de alguém não é mensurada pela quantidade de palavras, sim a sua qualidade: poucas mas muito profundas.

Muitas vezes pensamos que tais erros são apenas comuns na prova, mas não, até no nosso quotidiano. Já ouvi casos de pessoas que perderam a vida por isso. Sério!?! Sim. Como? Sobretudo pela fuga de informações.

Geralmente queremos desculpar-nos dizendo que o tal Português também já não é nosso, então, por causa disso, não nos sentimos obrigados a falar bem ou pelo menos perto do padrão.

Ainda me lembro quando mais novo, às vezes até agora, alguns erros muito comuns na comunicação. Certa vez, enquanto estava em casa a relaxar na sala de casa, com os pés estendidos sobre o cadeirão, mas era mesmo cadeirão que trazia todo juízo à cabeça; assistindo a um documentário sobre Albert Einstein ouvi alguém a bater à porta e gentilmente fui atendê-lo:

- Boa tarde! Saudou ele.

- Boa tarde. Respondi, então.

- Desculpa incomodar, mas gostaria de saber se o Tio Cândido não está. Perguntou ele.

- Não, não está, foi ao banco levantar dinheiro para construir uma nova casa para o mano mais velho que vai casar-se já no próximo mês. Assim mesmo já estão a fazer os preparativos e o vosso convite vou levar mesmo já em casa. Respondi.

- Ham, está bem! Então, vamos esperar pelo convite.

Pode até parecer brincadeira, mas este é um problema na comunicação que talvez mereceria uma atenção muito especial dos linguistas. E sinceramente, problemas ainda me levam a questionar se na verdade temos mesmo ou não professores de Língua Portuguesa de qualidade. Isto porque tenho a nítida impressão de que os nossos alunos são treinados apenas para fazer provas, pois, lhes foi imposto desde cedo que o fim último da formação ou do curso é conseguir um emprego na função pública, e é preciso entender que a educação não tem somente esta preocupação, aliás, talvez nunca foi este o objectivo, porque se pretendemos formar o indivíduo para servir, enfrentar os desafios do país não basta ensiná-lo a ter boas notas, mas mostrá-lo a aplicação prática daquele conteúdo, no sentido de o ajudar a se desenvolver, e quem se desenvolve, desenvolve consequentemente o seu país. Antes que eu sofra críticas, basta olhar para os Programas Metodológicos, os objectivos ali espelhados mostram claramente que não se está preocupado em desenvolver a personalidade do indivíduo. Tais objectivos abrangem apenas o domínio cognitivo. Quem sabe ao começarmos a dar o devido valor à educação, não precisaremos mais depender da Europa ou mesmo dos Estados Unidos, afinal é como dizia Nelson Mandela: " A Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo".

Se parar para reflectir, perceberá que a resposta por mim dada ao jovem que acabara de bater à porta é das mais terríveis, ilógica e incerta. Até à

saudação estava tudo bem, mas a parte que corresponde ao assunto principal que o trouxe, preocupa. Reparemos:

- Gostaria de saber se o Tio Cândido não está.

Nesta pergunta quem interroga já parte da ideia ou já vem com uma concepção de que o Rio Cândido não está, quanto ao indivíduo que lhe foi colocada a resposta, apenas cabe dizer sim ou não.

Pelo diálogo acima expresso fica fácil perceber que ele [Tio Cândido] não estava em casa. Com isto, quero dizer que, diante da pergunta, a resposta seria:

- Sim.

Todo e bom estudante ou aluno, a partir daquele instante deveria retirar-se.

Talvez diga:

- Mas ele disse sim!

É meu dever lembrar-se que na sua pergunta já admitiu que o Tio Cândido não estava, então se este estivesse em casa, a resposta seria não.

Pena, triste que nem todos têm essa concepção.

O pior disso é que naquela época eu pensava que estava bem correcto. Além deste erro que acabamos de analisar, existe outro: dar informações que não foram pedidas: o local onde o Tio Cândido foi, o o levou lá, o que este fará quando regressar. Espero que até a este momento já tenha entendido sobre o porquê eu disse anteriormente que estes erros já fizeram pessoas perder a vida!

Às vezes temos o hábito de pensar que o facto de estes dois puderem ou quem sabe um dos dois ter respondido de maneira errada levá-los-iam ao

desentendimento, mas nem foi isso que aconteceu, conversaram, entenderam-se, despediram-se um do outro normalmente.

Por quê?

Isto porque os dois não percebem isso como um erro. Caso alguém tenha entendido como erro, um dos dois teve que ouvir, mas no final avaliar a intenção e o mais essencial neste contexto.

Existem até outros erros comuns. Você ouve:

- Afasta aqui para significar “aproxima-te”;
- Encosta lá para significar “afasta-te”;
- Estou a te despedir para significar estou a “despedir-se”.

Como país, na pessoa do Ministério da Educação e outros órgãos devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance para evitar tais situações, tais erros.

Era só um desvio que se fazia necessário. Voltemos ao problema do telefone.

Após ter feito a reflexão do porquê daquele ter dito aquelas palavras e naquele estado emocional, e tendo eu informado que o mesmo aparelho a mim pertencia, respondeu ele:

- Pensei que o telefone fosse meu, desculpa! Também ele é muito igual ao meu.

Ao analisarmos, parece que aqui é o centro de formação de analistas; mas não é, e aqui analisamos mesmo. Mas ao analisarmos, ao tentarmos compreender tal resposta, tiramos várias conclusões e possivelmente este não reflectiu ao tirar o aparelho, talvez tenha feito isso numa circunstância em que estava apressado ao tirar este da mesa.

Mas assim alguém atenderia o telefone, quem sabe até teria visto a imagem do fundo do ecrã e desconfiaria. Assim, talvez o cheiro do perfume por mim usado é muito diferente daquele que eu uso que nem com isso ele se apercebeu!?

Bem, pela fé vamos fazer de conta que não o roubou, mas apenas se enganou. Contudo, infelizmente o dia-a-dia tem nos mostrado, de facto, que geralmente preferimos depois de escolher, como foi o caso do

jovem do telefone que afirmou se ter enganado. Tentamos expressar o mesmo sentimento com as frases:

- Pensei que...

- Achei que ...

A intenção é boa, mas todos sabemos que se pensasse, na verdade nem sequer faria tal coisa. Simples para perceber até que ponto dizemos alguma coisa e fazemos outra. Sem sequer pensar e dizemos que pensamos.

Precisamos aprender a ouvir a nós mesmos antes de falarmos para outros.

Pode até parecer algo de pouca importância, mas deixe-me mesmo dizê-lo mesmo não sendo ninguém que tal comportamento revela até que ponto nos mostramos irresponsáveis ao não assumirmos os nossos erros ou actos negativos. É necessário que a nossa racionalidade leve-nos a pensar não somente em cada acto que praticamos, mas em que pensamos antes e quando o praticamos. Pense antes de fazer e evitará preferir antes de escolher.

A preferência é emotiva, a escolha é racional.





# CAPÍTULO VII



## AVANÇANDO PARA ATRÁS

Você só não está a progredir por  
não parar de olhar para trás

Afinal de contas o universo é tão grande, mas tão grande mesmo decerto que é quase impossível compreendê-lo. Diz-se que dentre as várias espécies que povoam a terra, a espécie humana é a mais evoluída, e por isso também a mais racional, com capacidade de compreender o mundo à sua volta. Provavelmente eu não seja tão humano assim como se julga ser, na medida em que, encontro grandes dificuldades em compreender os assuntos aparentemente mais simples desta vida, como já também realcei nos capítulos anteriores.

Eu não sei, mas percebeu mesmo bem? Se ainda não, deixe-me ajudá-lo a entender melhor, contudo, ainda veja o que eu disse sobre os assuntos mais simples desta vida! Diante disso, surge a questão:

- O que é a vida?

- Quais são os indicadores que nos auxiliam a identificar algo como portador de vida?

Sempre digo que, por ser um termo familiar [vida], faz-nos pensar que é tão fácil defini-la, mas a tarefa não é conforme aparenta ser, tanto que, na medida em que alguém se aprofunda na reflexão com o propósito de encontrar ou dar uma resposta a esta pergunta, mas impossibilitado, sente-se ter progredido. Teólogos, Filósofos, Biólogos têm se levantado no sentido de dar uma resposta que satisfaça, outros preferem afirmar de

primeira, dizendo que não é possível definir vida a não ser enunciá-la pelas características daquilo que chamamos ser vivo. Teólogos já chegaram a ponto de dizer que vida não é mais nada que uma pessoa, isto é, Jesus Cristo. Estes fundamentam-se na passagem bíblica do livro de João 14:6 -"Disse-lhe Jesus:.. Eu sou o caminho, a verdade e a VIDA. Ninguém vem ao Pai, senão por mim".

Muito profundo isto, porque Jesus não se identifica como portador, mas sim fonte de vida, e é exactamente ali onde o caro leitor encontra a diferença entre estes dois verbos: SER e TER. Penso que a distância existente entre esses dois verbos é imensurável, tanto que, no nosso quotidiano, temos vindo a ver muita gente a ter sem ser e muitos a ser sem ter e outros tendo também sendo. E já é hora de parar, reflectir e perguntar-se até que ponto estamos a fazer alguma coisa que realmente valha apenas; use a sua capacidade... humildade sobretudo, para admitir em qual destas três condições se encontra agora e o que pode fazer para sair dessa. Importa realçar que quando digo realçar, não estou a pedir-lhe necessariamente para abandonar, possivelmente o seu caso exija simplesmente melhoria, afinal, diz-se geralmente assim: se está mal, torne bom, se estiver bom, torne melhor, se estiver melhor, torne excelente, se estiver excelente, torne excepcional, se assim estiver, torne até não puder descrever na linguagem humana. Simples: apenas seja melhor que anteriormente. Não tenha destino, por favor.

Outros ainda preferem concluir que a vida pode ser definida por duas simples palavras: actividade e integridade ou mesmo completude.

Esta actividade não se restringe apenas à deslocação do ser de um lugar para o outro, mas mais especificamente designando o conjunto de reacções químicas[actividades] que ocorrem no interior do organismo, visando a produção de energia. Tanto que, alguém poderia dizer ou

mesmo perguntar, por exemplo, o carro movimenta-se, realiza actividade e nem por isso tem vida. Como explica?

Primeiramente é importante perceber que nem toda actividade pressupõe movimento, e nem todo movimento pressupõe deslocamento.

Em função disto, precisamos tirar da nossa consciência a ideia de que, actividade é deslocamento, o carro movimenta-se e isto não significa deslocamento ou locomoção. A pessoa pode estar parada e em actividade, assim como o carro. Há momentos em que está a descansar, mas as actividades metabólicas acontecem em ritmo normal, aliás, se é ritmo é porque é normal.

Talvez poderá dizer a resposta não me convenceu, a pergunta volta à mesa:

Se vida é actividade, então, como explicar o carro em actividade, mesmo sem possuir vida?

Importa fazer aqui uma boa observação, pode até não ser boa, mas vamos fazer uma observação: sempre que quiser resolver um problema, não tenha como modelo outro problema, mas a solução.

Se alguém lhe perguntasse o que é uma mesa?

Além daquela definição de que mesa é um objecto que serve para... pode dizer simplesmente que é um objecto que possui pernas.

E outro perguntaria:

- Como explicar o caso dos animais que possuem pernas, mas não são mesas?

Poderíamos perguntar:

- O que é o auricular?

E você responde:

- É um objecto que serve para ouvir.

E novamente pergunta-se:

- Como se explica o ouvido que não é auricular, mas serve para ouvir?

E mais um:

- O que é o sol?

E sapiencialmente responde:

- É tudo aquilo que possui brilho.

E outra pessoa diz:

- Até onde eu saiba, sol não é tudo, e depois eu tenho uma lanterna em casa, acende, brilha muito bem, mas nem por isso eu chamo aquilo ou aquele objecto de sol.

Como resolver?

Então, já começa a entender que é perigoso tentar resolver um problema levantando outro, isto é o mesmo que não estar a suportar uma carga, e como forma de ser ajudado, pede mais uma carga, pensando que está a ser aliviado, quando na verdade apenas está a ir de mal a pior.

Voltemos à primeira pergunta:

-O que é uma mesa?

Diante de uma pergunta do género não precisa reflectir muito, apenas diga:

- Bem, a mesa é um objecto que possui pernas.

Todo mundo sabe que a mesa tem pernas, apesar de actualmente estarem a ser produzidas mesas sem elas, assim, a questão a colocar é:

- De facto, a mesa tem pernas?

Se tiver, então está certo; não totalmente, mas que já deu um bom passo para a resposta e só a posterior irá atrás daquelas respostas que distinguem ela de outros objectos. Afinal, esse é o critério usado na classificação ou agrupamento de animais à sua semelhança.

Isto estende-se na questão apresentada quanto à definição de vida. Não me interessa quais outras coisas possuem movimento, o que importa é saber que tudo aquilo que possui vida tem actividade. É a partir dali que já concluímos que tudo o que possui vida tem actividade, mas nem toda actividade é produzida pela vida ou pelo menos, não é indicio de vida, somente de actividade. Então ao definir algo, nunca se esqueça do ângulo pelo qual observa.

Bem, já é possível começar a entender que, ou nunca soubemos a definição de vida, ou então temos passado o resto de todos esses anos produzindo vida.

Se voltar ao enunciado onde deduzimos que vida é actividade, podemos tirar uma outra percepção.

Antes disso, veja isso:



Se num dia muito frio, mas muito frio mesmo, eu sentir necessidade de preparar uma refeição, eu faço-a adequando a mesma às circunstâncias. Imaginando, o que sugeria?

Sei lá, mas façamos de conta que seja uma sopa de feijão. Não sei tão bem cozinhar, mas pensemos que estes são os ingredientes: feijão, arroz, sal, óleo, sal, massa, água. Eu misturo tudo, coloco no fogo e no final de tudo, tenho um prato com um lindo cheiro, quentinho, ou seja, tenho a sopa pronta.

E em determinado momento, alguém pergunta:

- Afinal, o que é uma sopa?

Eis a resposta:

- Bem, sopa é uma refeição.

E alguém replica:

- Eu já sei que é refeição. Você não sabe que existem várias refeições que não passam de caldeirada... mesmo sendo refeições, não são sopas, então, eu quero saber o que torna uma sopa, sopa.

Agora, responde:

- Ó meu caro, permita-me dizer-te que neste contexto estamos a dizer que sopa é feijão, arroz, sal, óleo, sal, massa e água, bem misturadinho.

E o outro toma a palavra:

- Também não sou tão ignorante assim. Eu a cada final de semana compro isso, mas nem por isso tenho sopa. Não brinca comigo!

Pacientemente responde:

- Olha, eu me tinha esquecido de outra coisa: o fogo. Não basta ter tudo misturado, é preciso aquecer e no final de tudo você tem a sopa.

Aí o outro com ar de sabedoria, diz:

- OOH, afinal. Agora já entendi e muito bem. Sopa é fogo, porque sem ele os outros ingredientes não formam completamente nada.

Antes de continuar, digo-lhe: O todo é muito maior que a soma das partes.

Se usarmos isto como ilustração para definir vida será algo interessante e o diálogo torna-se quase semelhante.

Estávamos nós a dizer que todas estas actividades visam produzir energia.

É aqui onde precisamos perguntar-nos também:

- Vida é actividade ou energia?

Ainda não vamos responder, rumo ao diálogo da sopa!

Novamente o outro responde:

- Você está errado ao dizer que sopa é fogo, porque o fogo por si não produz sopa.

O outro interrompe:

- Você também está. Como ousas dizer que o fogo não é sopa se sem ele, ela não existe? Isto quer dizer que ela é a mais importante.

O outro, ainda mais irado, diz:

- Não estou a falar de quem é mais importante. Mesmo se você parar e analisar, verás que, o mais importante sozinho não consegue produzir sopa.

Pensa ainda, poupe-me desta sua ignorância.

Cabisbaixo, devolve:

- Já que eu sou o ignorante, agora diz-me, onde está a tua sabedoria?

Com o sentimento de quem venceu o debate , diz:

- Ilustríssimo ignorante, revestido de toda burrice não descoberta pela ciência, foi-me incumbida a responsabilidade de anunciar, instruir-te quanto a este assunto, por isso, peço que prestes a máxima atenção!

Quanto a este assunto, o mais importante é o feijão, arroz, sal, óleo, massa e água.

Se não entendeste, nem os deuses poderão ajudar-te.

Rindo dele, responde:

- Isso é o que você chama de sabedoria! Se é assim, então orgulho-me em ser burro. Porque em meu fraco ponto de entender, percebo que deve ser o fogo.

E outro, disse:

- Meu amigo, infelizmente você precisa de tratamento psiquiátrico ou acompanhamento psiquiátrico urgente.

Irado, responde:

- Disseste o quê?

Responde:

- Isso mesmo.

Pergunta muito mais furioso:

- Isto o quê?

O outro responde:

- Além De teres problemas na percepção, também também és distraído.

E ele diz:

- Vou te bater.

Está bem, agora escuta:

- Eu quando digo que sou inteligente, aliás, sábio, não é brincadeira.

As duas partes são importantes: tanto o fogo como os ingredientes.

O outro, diz:

- Isso não é inteligência, muito menos sabedoria. Na minha opinião, o fogo também é ingrediente. Estou a te dizer com isto que, para ter sopa você precisa dos ingredientes.

O outro tentando concordar, diz:

- Até tens razão. O fogo também é ingrediente, porque sem ele não teríamos a sopa. Então, todos são importantes.

Feliz, responde:

- Estás a ver. eu tinha razão.

O outro diz:

- Não tinhas.

Outro diz:

- Tinha, sim.

Novamente diz:

- Não tinha.

Cansado, pergunta:

- Por quê?

Pacientemente responde:

- Porque agora temos.

O outro diz:

- Está bom. Mas eu pensei primeiro.

Ele responde:

- Não é disto que se trata.

O outro diz:

- Não são as partes, mas o todo. Se todos chegamos no mesmo momento, então nós somos mais importante. Biblicamente falando, se fôssemos uma só carne, um só, seria importante.

Estupefacto, diz:

- Então estávamos a perder tanto tempo porquê discutindo?

Respondendo, diz:

- Primeiro, não perdemos tempo. Se achas que perdemos, então entendo que, às vezes, precisamos perder para ganhar. Como então chegaríamos a esta bela conclusão, se não perdêssemos todo esse tempo discutindo? Perder é ganhar.

Em tom de reflexão, responde:

- Quanta sabedoria! Afinal, perder mesmo é ganhar. Prefiro perder o debate.

Então, ele diz:

- Eeehh. Cuidado, fui eu quem pensou. Em outras palavras, eu já disse que perdi.

O outro responde:

- Não basta pensar. É preciso falar claramente. Por isso eu perdi.

O outro, diz:

- Não ganhaste nada, pah!

O outro responde:

- Foi isso que eu disse.

Ele diz:

- Você não disse que não ganhou, mas que perdeste.

Com cara trancada, responde:

- É a mesma coisa.

Olhando com compaixão a outro diz:

-O que é a mesma coisa?

Ele olha e responde:

- Ó tu, não me complica. Queres a definição de uma coisa, da frase ou de duas coisas.

Confuso, responde:

- Você complicou-se.

E ele diz:

- Quem disse é quem não percebeu e não quem diz.

O outro, responde:

- Eu só disse em palavras diferentes o que você disse.

Ele responde:

- Se é em palavras diferentes, não é a mesma coisa. Por isso é que se chama diferente; quer dizer que não é a mesma coisa.

Rindo, diz:

- Essas últimas palavras não têm sentido.



Responde, dizendo:

- Quais?

E ele pergunta:

- Perguntas a frase ou as palavras?

Responde:

- Você não sabe que o conjunto de palavras forma uma frase!? Quanta burrice de sua parte.

E ele diz:

- Posso até ser burro, mas dou oportunidade aos que se acham inteligentes.

Respondendo, diz:

- Não me ofende.

E ele diz:

- Verdade não é ofensa.

E ele responde:

- É verdade, não é ofensa.

Pergunta:

- Como assim? A verdade não é ofensa ou ofensa não é verdade.

E ele responde:

- Cuida do ângulo da tua resposta.

E ele diz:

- A frase que eu disse que não tem sentido é essa: não é a mesma coisa.

Pergunta ele:

- Por quê?

Responde ele com pergunta:

- Não é. Até ali já entendi. Quando dizes: mesma coisa, agora fico sem entender, porque mesma coisa é como se fosse o antônimo de não. Então, vejo uma incoerência.

E ele diz:

- É como se fosse, mas não é. Você está certo. Só há um problema!

Querendo saber, questiona:

- Qual?

Pacientemente responde:

- Você colocou palavras na minha boca. Eu só disse: mesma coisa. E você diz: mesma coisa, agora fico sem entender, porque mesma coisa é como se fosse o antônimo de não.

-E você sabe muito bem que não foi isso que eu disse.

E ele responde:

- Nem eu.

Pergunta:

- Então ninguém é culpado?

Responde:

- Sim, ninguém.

Pergunta ele:

- Ninguém é culpado mesmo?

E ele diz:

- Sim.

Discorda dizendo:

- Acho que alguém é culpado.

Curioso pergunta:

- Quem?

Responde:

- Nós.

E ele diz:

- Até onde sei, nós não é alguém.

E ele responde:

- Mesmo eu até onde eu saiba, também não é algo.

E ele concorda:

- É verdade.

Admirado, responde:

- Então, estamos certos.

Mais uma vez concorda:

- Sim.

Ele perguntou novamente:

- Por quê estamos a discutir?

Onde está o problema?

Sabiamente, diz:

- Estamos sempre a discutir por tua causa, estás sempre a tentar separar, eu já te disse que a soma é maior que as partes.

Bem, eu sei que este foi um diálogo meio chato, mas é muito bom para a memória. No entanto, o facto é que a vida não é actividade, muito menos energia, mas energia, actividade e integridade.

Estas são características muito generalizadas da vida; é preciso detalharmos mais um pouco e importa mesmo saber que algo é definido

pelas suas características, portanto, se alguém lhe pede para definir vida, simplesmente está a pedir que você mencione as características dela.

Você é o que é, pelas suas características. Imaginemos que sejas o António!

Você isto? Ou chama-se António?

Será que o seu nome faz parte do seu ser?

Percebe que na rua há um monte de pessoas com o mesmo nome, mas nem por isso são você. Você é independente do seu nome. O nosso ser não é definido pelo nosso nome, somente pelo ser.

Então, será somente distinguido de outros com o mesmo nome pela menção de outras características suas mais específicas: estrutura física, comportamental, social, enfim.

Até o presente momento eu posso dizer que está muito bom, que vida é isto que falamos acima, mas como diferenciar os diferentes tipos de vida?

Você olha para um cachorro, uma bactéria, um leão... O que os diferencia um do outro? O que estes organismos possuem em comum?

É muito simples responder isto:

Todos eles possuem material genético que pode ser o DNA ou o DNA, dando-lhe a capacidade de se reproduzir e muito mais. E essa característica é mais interessante ainda reprodução.

Você nunca viu um comboio a reproduzir-se, apenas é produzido.

Mas o que os diferencia afinal?

Para esta pergunta, abre-se um conjunto de respostas, por exemplo, a racionalidade.

Que é um assunto que nos vamos debruçar também no livro.

Ainda lembro-me muito bem, foi num sábado, o sol se pondo, como jovem cristão, com meus amigos, acabávamos de sair da igreja. Meus amigos passaram mais adiante de mim e iam avançando até mesmo estarem já a uma considerável distância.

Gritei pedindo que esperassem por mim, enquanto seguia eles.

Um deles respondeu dizendo:

- Corre, estás a ficar!

Senti-me na necessidade de acelerar os meus passos. Coincidentemente, uma outra voz se ouviu de trás de mim:

- Bapolo, espera por mim, por favor!

Sinceramente, conforme se diz na gíria " fiquei sem norte " ao ouvir isso. Então parei por alguns minutos para esperar por ele e percebi que perfeitamente que este também estava à espera de mais alguém por trás.

Em função disto, cheguei à conclusão que muitos de nós só não está a conseguir avançar por não parar de olhar atrás.

Pode até ser brincadeira, mas é verdade, digo-lhe isto porque muitas verdades não se compadecem com brincadeiras.

Você não está progredindo; se pensa o contrário, então não está na velocidade em que deveria. Há sempre algo para melhorar. E digo isto a você. Geralmente temos por hábito que, quando estamos a ser aconselhados, pensar em outra pessoa a passar pelo mesmo e sabemos que não deveria ser assim.

Olhar para alguém atrás de si, quando tem a pretensão de avançar, pressupõe parar, quando constante paralisar.

A vida em si é marcada por um conjunto de paragens e não paralisações. Teremos muitas paragens ou lugares [lembrar que lugar pode ser também uma circunstância e não somente a circunstância no lugar] que nos vão fazer parar e quanto mais preparados para eles, melhor! Assim, evitaremos paralisações.

É preciso ouvir muito para não ser paralisado e até mesmo parado. Quando falo em ouvir, refiro-me ao acto de ir atrás de conselhos. Alguns para tal, vão atrás de pessoas, não somente pessoas, pessoas humanas, outros vão atrás do seu Deus, fazendo preces, rezas ou mesmo orações.

Vamos partir do pressuposto de você ser cristão, certamente que você já orou, pedindo alguma coisa a Deus, tendo enquanto isso, maquinado tudo muito bem que pretenda realizar.



Ora, pronunciando-se mais ou menos nestes termos:

- Senhor, conceda-me o privilégio de ter uma namorada que me faça feliz!

Há um tempo já fiz pedidos assim. Entretanto, quando pronunciava tais palavras já tinha em mente projectada como poderia ser esta menina e isso faz com que o que digo na oração deixe de ser um pedido, mas sim uma mera informação.

Outros ainda acrescentam:

- Senhor, faça-se a Sua vontade!

Eu também dizia isso, mesmo tendo já a minha vontade bem estabelecida.

Peça apenas quando estiveres pronto a receber!

# CAPÍTULO VIII



## A DIFICULDADE EM SER HUMANO

Se progrediu é para se inspirar e

não invejar

Falar do ser humano é mergulhar num oceano, na perspectiva de compreender a sua dimensão, sendo algo bastante complexo; diferente de impossível. Relativamente à essência do ser humano, ao longo do livro já abordamos a questão relacionada à racionalidade, no entanto, gostaria de conversar consigo a respeito de um assunto bastante importante e pertinente: o trabalho.

Talvez olhe para esta palavra e a primeira coisa que lhe aparece na mente seja de alguém no campo com enxada na mão; alguém com uma bacia pelo chão vendendo pão num mercado; alguém na sala de aula dando aulas; alguém numa oficina com suas ferramentas; alguém sentado num escritório a escrever e bem apumado; alguém bem uniformizado com arma em mão; alguém a conduzir e outro a chamar por passageiros, enfim. É quase tudo o que sabemos ou percebemos sobre trabalho.

Lembro-me ainda dos dias em que eu mesmo ia para escola, faculdade ou qualquer instituição para fazer uma inscrição, e como habitual, há uma ficha de cadastro a preencher, e interessantemente, uma das opções ou espaços aos quais se pedia para preencher é aquele onde pedia a profissão. Muitos encontram muita facilidade em preencher, mas alguns como eu tinham que pensar muitas vezes antes de o fazer, mesmo sem ter motivos.

Ao segurar a ficha perguntei a mim mesmo:

- Vou preencher o quê?

Tão simples quanto isso, decidi preencher. Imagina, o quê?

Achei melhor não pensar e preenchi-a e pode até perguntar:

- Como alguém poderia preencher algo sem pensar?

É verdade que ouvimos situações de pessoas que preencheram sem se dar conta e no final arrependeram-se, mas acontece que, até esses pensaram para o fazer. Assim como é possível, alguém como eu ter preenchido sem pensar?

Não sei exactamente qual resposta satisfatória para lhe dar, porém, pela experiência que se acerta mais quando pouco se pensa. Por exemplo, lembra-se daqueles dias em que toma uma decisão e no final entendeu que terá falhado. Sabe qual é a frase mais comum?

É esta: Pensei que...

Mais uma vez, pergunto:

- Será que você pensou mesmo quando praticou tal acto?

Só você tem a resposta, mas vou abordar mais sobre isso ao longo do livro, entretanto, este é apenas um gesto introdutório sobre a nossa racionalidade.

Você pensa quando menos pensa.

Voltando ao assunto que estávamos a falar, então, preenchi da seguinte forma:

- Profissão: Estudante.

Não se ria, porque pode estar a rir da sua própria desgraça.

Diz-se que estudante não é profissão e eu concordo, porque é pessoa, mesmo que seja a pessoa a exercer a profissão.

O Dicionário de Língua Portuguesa traz-nos como um dos sinónimos de profissão a palavra ocupação. Partindo da ideia de que profissão é ocupação, eu entendo perfeitamente que o estudante é ocupado a entender vários assuntos de ciência. Pode até não ser totalmente ciência, mas pelo menos ele está ocupado:

Acorde, vá para escola, volte e lê; possivelmente após isso tem seus momentos de lazer; estude novamente e durma, sendo que, dia seguinte a rotina continua sendo a mesma.

É bom dizer não e a razão para um não ao sim.

Possivelmente quem diz que estudante é profissão tenha razão. No entanto, é normal alguém discordar de mim, afinal, deve desconfiar de quem concorda consigo constantemente.

Talvez até diga: -então, quem passa o dia a fazer a alguma coisa está a tornar aquilo uma profissão? Quem sabe e depois se preocupa apenas em dar um nome àquela ocupação, mesmo que oficialmente não esteja reconhecido; o que é natural, tanto que, nada surge de um momento ao outro, num abrir e fechar de olhos, não! Muito pelo contrário, leva muito tempo e para isso é necessário que haja um corajoso para dar início a este grande desafio.

Conversei com alguns, na verdade discuti sobre o assunto e muitos me disseram que estudante não é profissão porque o estudante não trabalha, ele apenas estuda e a sua ocupação não traz nenhum rendimento financeiro.

Será isso verdade?

Não sou Deus para responder todas as perguntas, mas arrisco respondendo muitas e esta é uma delas.

Bem, eu penso ainda mesmo sendo insistente na ideia de que, estudante é profissão e já apresentamos o motivo, no entanto, o estudante também trabalha, sim!

Veja algo interessante e talvez concordes comigo: O que é o trabalho, afinal?

Dependentemente do contexto, o conceito de trabalho vai assumindo diferentes significações, porém, concordamos todos que, trabalho é toda actividade que envolve esforço físico ou mental.

Com base nisso, entende-se perfeitamente que o estudante além de ocupado também exerce esforço físico, dependendo do curso e mental, o que é muito comum, apesar que alguns são uma grande vergonha neste aspecto, porque se requer do estudante que possa explorar o seu cérebro e uma das formas às quais temos de fazer isso é evitando ou deixando de fazer algo conhecido por nós, chamado Cábula. Ainda penso que, Cábula é a base da formação da obesidade intelectual. Seja obeso fisicamente e nunca intelectualmente; se não sabe usar o dom que Deus ou deuses ou o acaso lhe deu, peça a este que lhe tire nem que for para o tirar. Dizia Jean Baptiste Lamarck na sua Lei do Uso/Desuso que, quanto mais você usa um órgão, mais ele se desenvolve e quanto menos usar, menos ele se desenvolve ou atrofia. Você precisa mudar de mentalidade, colocando em actividade o seu cérebro com coisas verdadeiramente úteis, aquelas que o ajudarão a crescer, sendo que a principal característica de quem o ajuda acrescenta sempre algo; alguns acrescentam para o bem e outros para o mal.

Dias há em que um professor chato de Matemática, Química, Física... chega na sala de aula explicando a matéria, você apresenta a sua opinião para toda a turma, sai da sala com a sensação de ter entendido a matéria e se for o primeiro dia de aulas seria capaz de dizer “esse ano vai ser um sucesso porque o professor explica muito bem a matéria”. Sem tardar, chega a época das avaliações e estuda, vêm os resultados, negativas atrás delas e tudo mais.

Pergunta-se: - Como assim!? Se eu estudei tudo!!!

Ao longo da formação estas interrogações são comuns, assim como tais momentos, a criar essas circunstâncias.

Parece que por agora está tudo bem: é profissão porque se ocupa, trabalha, isto é, faz esforço físico e mental. Mas quanto ao rendimento [financeiro]? É simples, eu por exemplo, ganhei muito dinheiro enquanto me formava. Não se preocupe; não burlei ninguém. Há um adágio dizendo-nos que: cabrito come onde está amarrado. Ou então, floresça onde você está plantado.

Fiz dessas frases uma das minhas maiores motivações. Não fui um génio, mas reconheço que fui um inteligente esforçado; não pense mal sobre mim, entretanto, eu não espero elogios porque ainda existem invejosos e se vierem, são bem-vindos até mesmo quando são falsos, afinal, não perco mesmo nada.

Mesmo você, possivelmente já tenha ganhado muito dinheiro ao longo da formação, dando explicações, por exemplo e no final do ano lectivo ou académico ainda é aprovado ou transita de ano.

Isso não é rendimento?

Mais uma vez concordamos que é rendimento de facto, financeiro e não só.



Dizíamos que o conceito de trabalho é amplamente discutido e a sua origem não está em forma desta discussão. Assim, quando estuda um pouco História entende claramente que a origem do trabalho está directamente relacionada com o aparecimento do homem na terra, na medida em que este [homem] ia explorando a natureza através da prática da caça, pesca, agricultura e recollecção. Ou seja, o trabalho neste período correspondia a um conjunto de técnicas usadas pelo homem para explorar a natureza, dominar os animais, no sentido de garantir a sua própria sobrevivência: vestuário, alimentação e habitação. Esta uma uma visão científica expressa por leigo.

Analisemos agora numa perspectiva religioso- cristão, guiados por um livro tido como sagrado por alguns e não por outros, ainda que muitos reconheçam o seu poder transformador, conforme o relato de Génesis Capítulo 1, onde o homem é criado por Deus numa sexta-feira, nem sei se é de manhã ou de tarde e lhe é dado autoridade para dominar sobre todas as espécies criadas num jardim chamado Éden.

A palavra dominar pressupõe, na verdade, o acto de cuidar, tomar conta, trabalhar o/no Jardim do Éden.

É ali onde se originou o trabalho, numa perspectiva bíblica.

É bem interessante vermos que além da racionalidade, uma outra característica a distinguir o homem de outros animais é o trabalho; esta habilidade de transformar o meio sistematicamente, contrariamente aos animais que podem até transformar, mas nunca racionalmente.

Se é deste modo que as coisas são, seria bom se todo homem sentisse a responsabilidade de se tornar num trabalhador de respeito, digno, inspirando e inspirando-se em pessoas ao seu redor, enquanto ser social. Em gesto de ilustração:

Há muito tempo havia no meu bairro quase todos tinham uma bancada em qual vendiam algo (de lembrar que este era um bairro muito comercial, onde quase todo mundo estava envolvido em uma ou outra actividade comercial) e, para ser mais claro, é neste lugar, neste bairro, onde havia um jovem bastante estudioso, empenhado, sempre activo nas aulas.

Todas as manhãs acordava, arrumava-se, matabichava e dirigia-se à escola. Após às aulas conversava com os colegas sobre diversos assuntos, sobretudo aqueles que geram gracejos, no sentido de descontrair, depois de uma aula pesada de História, onde o professor só dita, de Língua Portuguesa, que só só fala mas não diz, de Matemática, que só anda preocupado com os seus catetos; de Geografia, que só fala dos espaços geográficos, de Química, que só fala de experimentação; de Biologia, que só quer ter uma turma mitocondrial, de Filosofia, que só está quer afirmar que Deus é coisa de nossa cabeça... enquanto caminha, apercebe-se sem perceber que o tempo voa e prova isto vendo-se já em casa. Ao longo de sua convivência com outros amigos, vizinhos, irmãos de igreja, familiares, ouve cada vez mais sugestões de que, este deveria já começar a fazer algum negócio, ter uma barraquinha montada com alguns produtos de venda, porque já havia muita gente estudando e no final acabou fazendo negócio ou por parar em algo pior, no mesmo instante outros pediam constantemente a ele para nunca deixar de estudar porque o futuro de Angola estava nas mãos deste. Ante todas estas vozes permeou e permaneceu a dúvida e não sabia o que fazer e muito menos o rumo a seguir e é nesta caminhada de dúvidas em que foi retendo e peneirando algumas ideias, afinal, é mesmo importante saber que nesta nossa caminhada pela terra ouviremos muitas vozes a falar ao nosso ouvido, querendo intervir no processo de escolha e mesmo em meio a elas precisamos saber que já teremos sabido antes que elas chegassem qual é a mais ideal. Na medida em que você está lendo acredito que não está a

reter tudo, muito pelo contrário, está constantemente a procurar seleccionar o que realmente importa, ou ao menos, o que não importa, isto se tiver algo importante, pois que, há momentos em que entende perfeitamente a desnecessidade de todo assunto que lê, e espero que isto não esteja a acontecer.

A vida é feita de escolhas. Qualquer erro ou acerto é fruto uma escolha, assim você é chamado a ser cada vez mais assertivo nas suas escolhas e somente você. Tenho visto pessoas acertando pela decisão tomada por outra pessoa, outras errando pela sua própria escolha, outras acertando pela sua própria capacidade de selecção do essencial. Nestas condições deverias já ter perguntado a si mesmo: O que tem influenciado as minhas decisões?

Têm sofrido influência externa?

Tal influência tem sido maléfica ou benéfica?

É por ser benéfica que devo confirmar-me?

Que devo fazer para melhorar a minha capacidade de tomar melhores decisões?

Quando é que uma decisão tomada se torna a melhor?

E se eu vier a reconhecê-la como melhor, que posição deverei tomar?

Mesmo sem querer agradar, minhas escolhas intervêm no comportamento de outrem?

Pelas minhas escolhas, influencio para o bem ou o mal?

Pode parecer brincadeira, porém, suas decisões são sempre influenciadas.

Tem o direito de discordar, pelo menos dá-me tempo para lhe dar a razão desta minha afirmação. Enquanto ser social, o ser humano é uma entidade que além de viver também convive, estabelecendo assim, relações com outros indivíduos, e neste processo você vai deixando marcas na vida do seu próximo. Quando por exemplo, junta dois papéis com uma cola, ao tentares separar, haverá sempre porção de um papel em outro no final e isto dá-nos a percepção de que a verdadeira amizade quando desfeita deixa marcas que jamais se apagarão.

As suas decisões só deixarão de ser influenciadas quando deixar de ser social, alguém rodeado por seres da mesma semelhança. O que lhe leva a escolher é a principal influência nas suas decisões.

Estávamos a dizer que este jovem foi ouvindo ou retendo e peneirando outras opiniões e isto foi acontecendo numa fase em que ele estava a concluir a formação académica; interessantemente nem sequer tardou, chegou um concurso público, sendo submetido a um exame de admissão, foi aprovado, tornou-se professor de grande valência, realizou mais uma formação que lhe garantiu a categoria de jornalista. A determinado momento de sua vida ficou bastante adoentado e feito um exame médico tradicional detectou-se ter sido 'Tala'. A perna inflamou, líquido incolor não parava de sair e pus também, e sem tardar, começou como a apodrecer a perna.

Nestas condições, a família mostrou-se muito revoltosa, investigou e chegou-se à conclusão que havia um vizinho que não tinha estado satisfeito com o seu progresso e então fê-lo este grande mal.

Tendo em vista esta situação, entende exactamente a essência da abordagem deste capítulo. Entenda que o jovem fez muito sacrifício para ali chegar, no entanto, um 'enviado especial do Diabo' vem, insatisfaz-se com o progresso alheio e prejudica o seu próximo. Enquanto não mudarmos de mentalidade os nossos actos continuarão sendo os

mesmos. Se todos podem trabalhar, partindo da ideia de que, há iguais oportunidades, perguntamo-nos: Por que invejar?

Deixo a resposta ao seu critério.

Onde está a nossa racionalidade?

Talvez diga que não se trata de racionalidade, porque quando alguém inveja é porque escolheu fazê-lo e a escolha é uma actividade do intelecto.

Então, onde está o problema?

Somente quando formos capazes de admitir que não fomos tão competentes para alcançarmos algumas coisas em que outros tiveram o privilégio de obter, teremos sido então realmente humanos. Este não é um simples acto de admitir ou conformar-se, é reconhecimento que nos leva à mudança, que nos estimula a sairmos da nossa zona de conforto, caso esta existir. É perigoso manter-se na zona de conforto, entretanto, só para aqueles que a têm, porque às vezes é tanto sofrimento miséria, que nos inactiva. Inactividade não é característica de estadia na zona de conforto. Sem ser radical, mas pobre não tem zona de conforto, apenas de repouso.

Uma barata intoxicada por um insecticida, mesmo estando em inactividade não significa dizer que está esteja na sua zona de conforto, pois que, muitas vezes, nem sequer na zona de repouso, mas perto da morte.

Porquê invejar ou odiar quando se pode amar?

Uma coisa digo: Se o outro progrediu não é para invejar, e sim inspirar-se. Nem todos terão o mesmo nível de progresso, apenas temos níveis, classes de progresso e faz-se necessário que cada um tenha a capacidade de reconhecer o seu lugar, coragem para admitir que nunca estaremos acima de tudo e todos.

A sociedade sempre precisará de modelos para se basear e inspirar e quando não se é corajoso o suficiente para aceitar isso, jamais destrua o modelo existente, não seja também um. Não importa quanto esforço seja necessário, assim, estará a fazer algo de valor para si e a sociedade, ou melhor, o seu próximo e não há maior prazer que isso.

A inveja é um mal como qualquer outro e deve ser erradicado. Basta nunca te esquecer que o mal só existe para escolhermos o bem, dizia um sábio. Então, sempre que alguém o perguntar sobre a razão da existência do mal, a resposta é a mais simples: Para escolher o bem.

O seu maior desafio está na responsabilidade de vencer o mal. Preste atenção à palavra usada 'vencer', isto dá a ideia de que dentro do ser humano existe um grande conflito entre o bem e o mal. Onde há escolha há conflito e talvez para deixar mais claro, onde há conflito há escolha. Desde que o homem existe, enfrenta o grande conflito; a própria racionalidade em si remete-nos à escolha, à uma capacidade de olhar dois pontos e ser satisfeito apenas por um deles.

Não quero correr o risco de errar, mas o mal sempre existiu. Não precisa admirar-se, primeiro pense, depois discorde. Tradição não pode ser critério para discordar. O desejo de todo ser humano é acertar, mas ainda assim, erra na maior parte das vezes. Lembro de Adão e Eva no Paraíso, lugar perfeito, onde aparentemente não havia motivos para falhar, mas falharam. Por quê?

Simple: O lugar não dita o quanto se acertará, mas sim as nossas próprias escolhas, influenciadas por nós mesmos.



# CAPÍTULO IX





## PROVE-SE

Às vezes só nos pedem provas de quem somos  
porque já nos apresentamos como documentos  
falsos.

Todos nós procuramos justificar-se constantemente, e tenho a nítida impressão de que o ser humano sempre foi assim. Podemos tentar compreender a origem do homem sob várias perspectivas, algumas delas podem ser de âmbito-religioso-cristão ou mesmo científico- histórico. Quanto ao primeiro, vemos um ser humano que é colocado ante uma circunstância [Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal], sendo submetido a exercer o seu poder de escolha e, relativamente ao segundo, observamos um ser humano que procura dedicar-se à caça, pesca, agricultura e à recolecção, preocupa-se consigo mesmo, construindo casas para se proteger. Analisando rigorosamente as duas visões apresentadas, mesmo que superficialmente percebemos que estas têm algo em comum: procuram livrar-se.

O primeiro procura livrar-se do grande conflito a decorrer no interior do seu próprio coração, levando-o a exercer o seu poder de decisão, isto é, escolhe obedecer a Deus ou não em função da sugestão feita pelo Diabo, na medida em que o segundo procura livrar-se ou proteger-se dos animais ferozes. Quero com isto dizer que os dois entendem exactamente o perigo à vista, que pode ser de natureza externa e interna. Assim como os problemas podem ser de natureza externa e interna, o mesmo acontece com a distração, aliás, tal distração também é em si um problema.

Queremos muitas vezes procurar lugares mais silenciosos para estudarmos por exemplo, porém, acabamos por nos esquecer que o

problema não está somente no local, se é barulhento ou não, e sim, na nossa mente, na nossa capacidade de concentração. Quantas vezes já não estive a ler num local silencioso e talvez até bem focado, em determinado momento para e começa a imaginar, a lembrar sobre um jogo de futebol, uma novela, um filme ou algo assim do género!?

Se não aprendermos a concentrarmo-nos quando houver barulho, nem o silêncio irá resolver o nosso problema.

Para ilustrar:

Certa vez, na Universidade, após ter recebido da parte do professor um conjunto de matérias ou aulas, senti-me na responsabilidade, pressão de estudar porque a prova ou primeira frequência já estava próxima. Tinha poucos dias, mas poucos mesmo. Como assim? É isso mesmo, eu não tinha muitos dias para me preparar.

Segurei os cadernos, livros e enquanto isso, fiquei um pouco duvidoso perguntando a mim mesmo, sobre onde poderia estudar ou parar para ler e não tardou, concluí que o melhor mesmo era procurar um ambiente certo, calmo, e sobretudo, silencioso. Comecei a estudar e de repente, enquanto lia, totalmente focado e sem querer deixar nada daquilo que eu estava a ler, pensei numa discussão que eu tive com alguém mais um pouquinho e soltei um sorriso ou gracejo em voz alta, quando outros olharam para mim rindo, acabaram por fazer a mesma coisa também, enfim. O que deixa isso mais interessante é ter lembrado de uma novela infantil e outras brincadeiras mais que passavam no canal televisivo TPA.

Depois consegui entender que aquilo não me esteve ajudar e que devia já parar, não de ler, mas de rir, e tão logo terminei de ler e rir, fui a casa para dar continuidade ao meu estudo. Vamos ainda parar por aqui e começar a fazer algumas análises.

Entenda de uma vez por todas que eu de facto, estava num local silencioso, calmo, isento de qualquer barulho e mesmo com isto não foi

totalmente possível tirar o proveito desejado à leitura, e coloca-se a pergunta:

- O que será que estava na base disso?
- Porventura o local escolhido para tal não foi o melhor?
- Não houve motivação suficiente?

Mesmo com estas perguntas a resposta continua sendo apenas uma: Se não aprendermos a concentrarmo-nos quando houver barulho, nem o silêncio irá resolver o nosso problema.

Andamos muito preocupados com distrações externas e esquecemo-nos das internas, que são as mais perigosas, porque muitas vezes o ambiente está bom, mas o nosso interior não, e esta é uma das razões pelas quais alguém que esteja com alguns problemas emocionais dificilmente terá êxito estudando num ambiente de silêncio, pois que este servirá apenas como um recurso para o fazer recordar dos seus problemas anteriormente vividos, que certamente não farão para ela muito bem. Quem não está bem emocionalmente não tem como sê-lo psicológica ou mentalmente. Aquilo que mexe com a nossa emoção, com o nosso coração influencia bastante do nosso estado mental ou cerebral. O silêncio é bom, mas também não é tão bom assim quanto parece, neste contexto, o ambiente silencioso, dado que, um pode ser a razão do meu foco ou então a razão da minha distração. Não procure ainda pelo silêncio, tente gerir o seu barulho.

O que mais chama atenção é o facto de que, nada vem do nada. Estou com isto a dizer que, se em momentos de estudo, de leitura, mesmo sendo um ambiente totalmente fechado, calmo, fresco, silencioso, ainda se distrai [distrações internas], entenda que aquele não é um problema que transcende a nossa compreensão, e pelo contrário, conhecemos

perfeitamente a causa deste tipo de distração. Quando estava mais focado, lendo e lembrou-se de um episódio de uma novela, significa dizer que nunca tinha assistido tal novela ao longo de sua vida?

Desconfio que a sua resposta seja mesmo “não”, porque você já a assistiu.

E possivelmente pergunte novamente:

- Há algum mal em lembrar de uma novela?

Dou-lhe como respostas: não.

- E então, também há problemas em lembrá-la?

Novamente digo: não há.

E assim, onde está o problema?

O problema começa exactamente quando lembra da novela estudando, aliás, às vezes isso pode nem ser o problema, o pior é quando esta lembrança momentânea desvia o seu foco da leitura, tanto que poderíamos imaginar que se lembra igualmente de uma novela que o estimularia a focar-se, a entender ainda mais a matéria. Por conseguinte, deve parar e reflectir se o que tem lido, introduzido no seu cérebro tem sido alvo que o faz crescer ou regredir intelectualmente.

Aquilo que faz parar a sua obra enquanto constrói é o seu principal inimigo e este inimigo como qualquer um outro, não apenas o faz parar, como também o paralisa, enquanto que, o verdadeiro amigo o impulsiona para prosseguir, mesmo às vezes criticando, ainda assim, entende que é por amor e aceita mesmo.

Este foi só mais um desvio, porém, estávamos a dizer que o ser humano procura livrar-se e ao fazer isto está a procurar justificar-se, cobrir aquilo que é seu e ele mesmo. Nesta caminhada toda vai chamando atenção e nós, como sempre gosto de dizer “todos nós chamamos e procuramos chamar a atenção”, entretanto, muitas vezes, em todo esse processo acabamos por perder de vista alguns factores muito importantes ou mesmo indispensáveis para que tal possa acontecer e talvez você entenda que até mesmo para conseguir ou atingir os nossos objectivos nas mais variadas dimensões é muito necessário que se tenha em conta essa nossa característica de chamar e procurar atenção a alguém e nunca algo.

Veja, por exemplo, quando uma empresa precisa de um novo empregado para contratar, ela estabelece um conjunto de requisitos que formam o perfil que o candidato à vaga deve apresentar e quem sabe depois vir a ser seleccionado. Neste contexto, tais requisitos são os factores que determinarão se, por exemplo, pode ou não ser admitido. Porém, em tais situações, uma coisa constitui certeza: Quanto mais os requisitos apresentados corresponderem ao seu perfil, mais chance há de ser empregado.

Quando se diz requisitos apresentados corresponderem ao seu perfil, em outra palavras significa dizer o quão você é "atraente" a ponto de ser digno de ocupar e exercer uma vaga de emprego. Estas duas expressões são muito interessantes e penso que carecem de ser muito bem esclarecidas, isto porque, estamos numa sociedade onde é possível ver que as pessoas estão a disputar cada vez mais por posições sem sequer se importarem pelos

meios disponíveis, ou seja, com toda a indiferença para com o seu próximo. Diz-se que não basta querer o cargo, mas também suportar a carga, e isto hoje não se quer. Que sociedade é esta

Tal como o respeito não se exige mas conquista-se; assim acontece quando o assunto em causa é ir atrás de oportunidades, tanto que, o

querer nunca em si levou ninguém para longe, e sim o agir, e o agir exige esforço, sacrifício, soar sangue. Você que estiver numa posição em determinada instituição, por exemplo, é momento de deixar de ocupar e começar já a exercer e este é um acto de misericórdia: ocupar e ainda receber a graça de exercer, porque numa condição do género o que seria meritório era uma expulsão. Com isto, deduzimos que há momentos em que mereceremos uma expulsão, no entanto, a vida encarregar-se-á de nos dar uma chance, entretanto, não espere por ela; poucas vezes ela chega. O Teólogo Português, Daniel Spencer, dizia: " As pessoas amam segunda oportunidade só para poder rejeitar a primeira " e ainda tenho a nítida impressão de que, esta não é a sua condição e isto não precisa ser verdade.

Exerça mais e ocupe menos, afinal, a vida é um conjunto de exercícios que cedo ou tarde nos prepararão para algo muito maior.

Tudo que o ser humano tem em vista, simplesmente são problemas, e problemas a serem enfrentados exigem um alto nível de preparação; esta deve exceder o problema. Ou seja, a preparação deve sempre ser maior que o problema. Lembro-me de um amigo que sempre me dizia: " Se estás para dar uma aula de trinta minutos, então, prepare um conhecimento a ser apresentado em sessenta minutos" .

Eu amo aprender com as experiências do quotidiano, assim, vou lembrar mais uma vez quando me tinha dirigido ao Serviço Nacional de Identificação Civil, onde aconteceu algo que talvez jamais esquecerei. Anseia saber? Agora, preste muito bem atenção às palavras que se seguem:

Todo angolano no verdadeiro sentido do termo, ou pelo menos um estrangeiro bem angolanizado sabe como funcionam estes serviços em Angola, sem deixar de falar em enchentes, morosidade no atendimento, falta de pontualidade da parte do pessoal ou funcionários e outros.

Tendo eu lá chegado por volta das 3 horas e 55 minutos, e permita-me dizê-lo que não fui bruxar, nem nada disso, a enchente que ali predomina, obriga a sair de casa antes mesmo de amanhecer para ser atendido apenas por volta das 8 horas e 40 minutos, por exemplo. Então, estava a suportar o frio, claro, um pouco de mosquitos, barulho fruto da lamentação e reclamação de pessoas que já fazia muitos dias que não conseguiam ser atendidos só para pelo menos emitir o seu Bilhete de Identificação Civil e outros.

À medida que o tempo passava a ansiedade apenas aumentava cada vez mais e até então, eram 7 horas e 10 minutos, enquanto isso, as ruas já estavam a movimentar; quer dizer, carros, pessoas dirigindo-se aos seus locais de serviço, outros eram simplesmente levados pelo vento, alguns ainda superlotavam os autocarros, sobretudo estudantes que se dirigiam à escola...e é neste ambiente onde muitos aproveitavam a ocasião para puder assaltar telefones, dinheiro, relógio e muitos outros pertences.

Bem, em meio a toda aquela fila, que sinceramente considerava como sendo sofrimento, ainda tirávamos alguns instantes aos quais ríamos e fazia muito bem mesmo que tal alegria durasse pouco. Com isto, é preciso tirar a lição de que não importa quão pouca seja a coisa que nos faça feliz, esteja aí, ainda assim, devemos aproveitá-la o máximo possível e estará com isto manifestando um grande gesto de gratidão para com a vida. Quanto mais grato, mais feliz serás e afirmo com toda a certeza que “felicidade é gratidão, quem é grato é feliz, assim como nunca conheci em toda minha vida um grato que não fosse feliz, além de alegre”.

Não tardou, os funcionários da mesma instituição chegaram, com toda a alegria no rosto, certamente não lhes faltava aquele ar de orgulho e, no mesmo instante, fiquei surpreso, possivelmente pelo facto de olharem para nós e perceberem que já estávamos à espera deles aproximadamente quatro horas da manhã e eram até então oito horas da manhã; bem



interessante que aquilo os fazia sentirem-se importantes, sendo mais claro, orgulhosos. É bem necessário e urgente que deixemos de pensar que o facto de alguém esperar por nós não prova o quão importantes somos, apenas revela a nossa irresponsabilidade e falta de compromisso nos nossos deveres. Simplesmente isso e nada mais!

Não precisa provar às pessoas o seu grau de virtuosidade, elas mesmas vê-lo-ão. Pessoas realmente famosas não têm noção de sua fama, já as conhecidas é que andam preocupadas com o desejo ou vontade de querer espantar, admirar ou ser admirado. Mais uma vez repito: " respeito não se exige, conquista-se ". Isto também acontece quando o assunto em causa é o cumprimento de nossos deveres. É necessário entendermos que todos nós somos substituíveis, não há ninguém que não possa ser substituído e até possivelmente o próximo venha a ser muito melhor em relação a nós, então, cuidemos, façamos questão de dar mais valor às coisas à nossa disposição, como um emprego ... mesmo que venhamos a prestar serviço para pessoas cujo estatuto, grau social seja muito inferior em relação a nós portadores do mesmo emprego. A noção de insubstituibilidade faz com que pensemos que somos eternos, e sou grandemente grato a Deus pelo facto de não sermos eternos nesta terra, porque isto corresponderia a uma eterna irresponsabilidade, orgulho e possivelmente outros males. A nossa balança neste universo pende cada vez mais para o lado negativo, a praticar o mal, então todo acto de bondade vindo de homem é fruto de um grande esforço, empenho, vindo de um ser desconhecido a actuar dentro de nós, com a autorização da nossa própria razão.

Assim que começaram a trabalhar, atendendo a umas poucas pessoas, comecei a anotar uma certa rapidez no atendimento, o que era bom e foi naquele instante que surgiu de repente dentro de mim a vontade de os elogiar pela qualidade do trabalho que estava sendo feito: rapidez no atendimento, sorriso no rosto, são características raras de encontrar hoje

em dia maioria dos funcionários da administração pública, e aquela atitude ante a nossa presença era louvável. Mas também era naquele mesmo momento que após àquele sentimento me deu uma tremenda vontade de dar umas palavras de conforto a uma senhora que estava em pé ao meu lado, que havia uma semana que não era atendida; de esperança diante daquela toda situação, sobretudo num instante como aquele onde os funcionários mostravam competência na prestação de serviço. E assim esperávamos nós na fila sermos atendidos.

Surpreendente ouvi uma voz:

- Entra, não estás a ouvir que estão a chamar o próximo?

E eu não tendo gostado do grito ou da forma como falou comigo, respondi:

- Estão a chamar o próximo, eu estou distante e chamo-me Bapolo.

Quando despertei um pouco, prestei atenção, reflecti um pouquinho e decidi agradecer ao homólogo da fila pelo aviso, mesmo não tendo entendido ele no princípio e quando o fiz ele já não quis receber os meus agradecimentos porque se chateou e a intenção dele era apenas despertarme para que entrasse para ser atendido e ele o próximo. Tão logo dei o terceiro passo em direcção ao lado de dentro, vi um jovem todo bem apresentado, calça social preta, camisa branca, gravata preta, cinto e sapatos pretos, passando adiante de mim até ao balconista. Por aquele momento olhei para mim mesmo usando T-SHIRT do MPLA, Calça Jeans gasta, Chinela Vermelha e disse a mim mesmo:

- Ché, está a gozar, não é? Vou entrar mesmo!

Exactamente foi lá que aconteceu o inesperado, onde ouvi:

- Meu senhor, Aguarde!

Com isto, preferi não alterar o meu estado emocional, porque pensei que talvez fosse apenas mais um funcionário que estava indo resolver uma situação e que rapidamente estaria a sair de dentro. Enquanto este conversava com o balconista, vi-o a entregar documentos semelhantes aos meus e em poucos minutos estava ele a sair, todo ele vaidoso, só podia ser um angolano mesmo.

Pensei um pouco, concluí que ele também não passava de mais um utente, tal como eu e tinha tudo para suportar a fila, chegar quatro horas, suportar os mosquitos, ouvir lamentos e até mesmo tolerar xingamentos alheios. Mas eis a questão:

- Que tinha ele de especial para passar assim por cima de nós que havíamos chegado muito mais cedo em relação a ele?

Até aquele momento não consegui entender e passados alguns dias, encontrei uma resposta que, na verdade, me satisfez: era devido à forma como este se apresentava em termos de indumentária que o fez entrar.

Em determinado momento fui a ponto de de chamar de incompetente por ver o jovem a entrar sem lhe ter interpelado mesmo sabendo que este não era funcionário da instituição e enquanto utente não tivera estado na fila. O guarda humildemente ... começou a rir-se de mim.

É ali onde você precisa prestar atenção. Veja que nem sempre que uma empresa precisar de um funcionário ou novo empregado precisará anunciar a forma como se deverá apresentar no dia da entrevista.

Estas são coisas que você mesmo deverá ter em mente e prepará-las e é necessário que cada um individualmente tenha a racionalidade disso. Quando, por exemplo, vai a uma igreja ou templo sagrado, ninguém tem a obrigação de lhe dizer que roupa usar; você mesmo com a sua própria consciência fará questão de encarar isto como um complemento para os

requisitos exigidos no papel, e digo isto por causa da forma de se apresentar do jovem acima expresso.

Se voltar a ler e imaginar por alguns instantes, verá que enquanto o jovem entrava ninguém sequer ousou privá-lo porque ele levava consigo algo que vai muito além da documentação, útil para tratar o Bilhete de Identidade: a sua indumentária. Com isto, gostaria de o advertir para cuidar da forma como se apresenta e possivelmente diga que:

- Mas a minha roupa não tem nada a ver!

Preste muita atenção na forma como se veste, porque isto diz muito sobre tudo aquilo que você pensa. Pode até justificar-se partindo da ideia de que o mais importante é aquilo que eu sou no meu coração; só espero que entenda que as pessoas entendem o que você expressa e não aquilo que você intenciona. Continuar a vestir-se desordeiramente depois destas palavras é comportar-se como uma botija que está a vaziar gás butano perto das chamas quando advertida diz não estar a ver nada. Parece estranho, mas é isso mesmo!

Cuidado com a intenção do coração em que só você tem acesso, mas ainda assim continua a dizer que outros também têm acesso.

A indumentária do jovem assemelhava-o aos funcionários da instituição, tanto que, nem mesmo o guarda o privou, porque por uma questão de lógica ele achou que não podia privar um funcionário da instituição. Tudo por causa da indumentária!

Não é de pouca brincadeira que temos visto em noticiários que, hoje em dia, ladrões disfarçam-se dentre as várias formas através do vestuário, sua influência é muito grande. Há tempos, vi um noticiário na televisão, onde o Serviço de Investigação Criminal acabava de prender um falso policial.

Como? Tudo por causa da sua indumentária, uma comissão averiguou e conseguiu descobrir que aquele agente não fazia parte da corporação. Organize-se na questão da indumentária antes que seja confundido com um ladrão, criminoso.

Ainda me lembro da experiência contada por um Teólogo numa de suas palestras onde dizia ele que havia uma jovem nascida num lar de pais cristãos, bastante fervorosos e envolvidos em tudo aquilo que era actividade religiosa. Onde quer que os pais dela, enquanto dirigente eram convidados por outras igrejas iam, levavam consigo também a filha bem apresentada e muito mais. No bairro ela tinha muitas amigas boas, talvez não tão boas assim, mas elas eram mesmo boas e como sempre, outras más, num sentido que entenderás brevemente. Enquanto o tempo ia passando, os pais continuavam a viajar de um lugar para outro, e numa dessas vezes preferiram deixar ela em casa para cuidar do seu irmão mais novo e é mesmo nestas condições que aconteceu algo não tão bom, porque numa tarde do dia em que os pais viajavam, a menina decide sair para passear. Assim, lá estava ela desfilando numa bela tarde e talvez num domingo à tarde quando, de repente ela percebeu que em todo lugar onde passava mostravam-na uma nota de dinheiro e sempre que faziam isso, ela respondia-os bem alto, dizendo:

- Eu também não sou muito pobre, ya! Estão a pensar o quê então? Vou entrar-vos!

E apesar dessa sua resposta os moços ainda continuavam a acená-la e piscá-la.

Já se perguntaste o porquê daquilo que estava a acontecer com ela?

A resposta continua sendo a mesma: a indumentária.

Voltando ao nosso assunto, dizer que a maneira como este jovem se apresentava não lhe permitia estar numa fila onde eu estava, não!

Leve sempre algo a mais que lhe permita alcançar sem sobressalto aquilo que são os seus objectivos. Caso alguém lhe venha mandar fazer alguma coisa, faça da melhor maneira possível, quem sabe até aquela não seja a sua última chance!

Brilhe, você foi feito para isso!

Não deixe que as pessoas entendam aquilo que você queria dizer, mas sim o que você diz ou disse.

Viva somente o presente, centre-se nele, simplesmente nele porque o futuro já passou e verá que não precisará preocupar-se tanto e simplesmente evitará ansiedade e depressão.

Procure ser o mais claro possível em tudo que você transmitir às pessoas; não abra espaços para dúvida quando nem mesmo poderá esclarecê-las.

O modo indicativo é muito melhor que o modo condicional, conjuntivo ou então, qualquer outra forma verbal!



# CAPÍTULO X





## O ENGANO DO FAMILIAR

Familiaridade não pressupõe facilidade

Nas páginas anteriores estávamos a afirmar que desde que o ser humano existe na terra como portador da racionalidade, sempre teve o desejo de saber mais, de conhecer mais sobre o mundo externo e uma forma pela qual o ser humano expressa isto é através de questionamentos. É isto aí!

Homem que é homem preocupa-se em fazer perguntas e não apenas dar respostas, porque boas perguntas já trazem consigo uma certa porcentagem de resposta. Começo por fazer esta abordagem dizendo-lhe mesmo que as perguntas mais simples são as mais difíceis de responder.

Os questionamentos remetem-nos à realidade de um coração inquieto e até quem sabe triste, que reivindica o seu direito por felicidade e a vida nestas condições, apenas se cale, mas não deixe de perguntar, questionar. Isto faz muito bem. Só não menciono aqui o site, porém, pesquisas dizem-nos que a principal característica de inteligentes não consiste em fazer dar soluções, mas levantar problemas por via dos questionamentos.

Existe um grupo de cantores brasileiros de nome Arautos do Rei, com uma de suas músicas cuja letra muito encanta, interessante e faz-me reflectir bastante, sendo que esta é mais ou menos assim:

" Eu já ouvi falar

de uma terra sem igual

aonde tudo é paz e não

há lugar p'ro mal,

Almejo este lar  
tão puro e sem igual,  
Pois meu viver já coloquei  
nas mãos do Pai"  
" Enquanto estou aqui  
Começo a pensar  
Que deste bom lugar  
Já posso desfrutar  
Enquanto vejo mãos se unindo  
Multidões cantando  
Hinos,  
Vejo anjos celebrando, é o Céu  
Que está chegando ...  
Eu posso aqui provar as delícias  
Deste lar, se eu procurar viver  
Como o meu Jesus viveu.  
Em meio à luta e dor  
Eu posso estar em paz,  
Pois o meu viver já coloquei

Nas mãos do mais.

O Céu é aqui se eu tenho tempo p'ra

louvar

O Céu é aqui se eu me ajoelho para

orar

O Céu é aqui se eu aprendi a

perdoar

O Céu é Jesus e onde Ele estiver

O Céu será ali ".

Não é preciso muita ciência para entender que estas são na verdade palavras que, de facto, vêm de um coração que sofre e na esperança de algum dia livrar-se deste sofrimento anseia por um lugar onde tudo é paz, onde não há lugar para o mal reinar. Este coração sente um grande vazio que clama por preenchimento e ainda que pareça estranho, entenda-se de primeira que todo ser humano possui um vazio que não pode ser preenchido por qualquer coisa e nem precisas falar de Deus ...

Alguém poderia perguntar, mas afinal qual é a causa de tanto sofrimento?

Possivelmente quem é cristão diria que existe sofrimento por causa do pecado de Adão e Eva, cometido no Jardim do Éden em desobediência aos mandamentos de Deus. Por mais estranho que pareça, outros mais liberais diriam que é devido a falta de dinheiro, alegando que se este estiver presente tudo estará resolvido. Bem, como pôde perceber, este só

deve ser alguém pobre a responder assim, quem sabe seja eu ou mesmo você!?

Outros mais filósofos diriam que a causa principal de todo o sofrimento visto hoje é devida à ausência de paz, pois que, a presença dela neutraliza, anula todo o sofrimento. Ainda há aqueles que afirmariam que a verdadeira causadora de sofrimento é a morte.

São várias possibilidades de respostas para o sofrimento.

Eu até diria que você é a causa de todo o sofrimento, por exemplo, mas isto não é exemplo pode ser mesmo verdade. Se continuar a pensar você vai encontrar milhares de respostas, mas nem por isso o sofrimento deixará de existir e aproveito o momento para lhe ensinar que dar resposta não significa dar solução. A resposta é uma pedra atirada à parede e a solução, uma bomba contra a parede. Qual a diferença?

A primeira ainda mantém a parede intacta, apesar da intenção de querer desintegrá-la, sendo que, assim acontece com a resposta, está sempre errada porque apenas tenta e o problema ainda se mantém, enquanto que a segunda atira e derruba a parede, ou seja, dá uma solução ao problema que, neste contexto, é derrubar a parede e na perspectiva em questão dá uma solução. Entenda que, uma boa resposta chamada solução, anula toda a pergunta.

Em meu fraco ponto de entender, a causa de todo o sofrimento é a noção, colocando de parte a opinião religiosa sobre este assunto. Tenho a nítida impressão que, desde o momento em que se começa a perceber, a ter noção das coisas, é neste instante em que começa o verdadeiro sofrimento. E você poderia dizer: - Então, o problema não é a noção em si, mas o mundo sobre o qual você percebe a forma como são as coisas, ou seja, não é sobre a noção mas aquilo que se tem noção.

Quando você acorda e entende que o mundo está mal; a causa do mal não é o acto de acordar, não! Mas sim, o mundo. O acordar, os olhos trazem apenas a realidade do mundo. No entanto, se tendo noção eu acordasse e percebesse estar no paraíso, a minha vida não seria de sofrimento, afinal acordei no paraíso e ali já não há sofrimento. Ainda analise se acordando no paraíso evito perceber que já não mais estou sofrendo, então, onde está a causa do sofrimento?

Racionalmente diz: O mundo onde estamos situados é a causa de todo este sofrimento.

Será isto verdade? Só você tem a resposta, neste momento sou apenas um conduto.

Podemos até passar dias e noites a discutir sobre isso, essas respostas não nos satisfariam, pois que, não passam de possibilidades e padronizo-me partindo da ideia de que não discuto possibilidades por fugirem do campo da realidade.

Independentemente de tudo isso, a causa do sofrimento é a escolha. Sofrer ou não sofrer é uma questão de escolha, você decide. Nem tudo depende de mim, mas nem tudo independe.

É o facto de eu ter a capacidade de interagir com o mundo externo que estabeleço relações, interacções que vão produzir algumas sensações, que podem ser boas ou más, no entanto, você é quem deverá fazer a escolha daquilo que pretende conviver. Assim, esta interacção com o mundo exterior, que ocorre pela percepção do mundo externo, produtora de diferentes sensações, como admiração, contentamento ou mesmo dúvida, gera em mim a capacidade de fazer perguntas.

Dentro daquilo que são os questionamentos que o homem faz, a ciência guiada pelo próprio homem tem estado a esforçar-se pelo uso de métodos apropriados em dar uma resposta satisfatória a muitas delas. Porém,

existem aquelas que se apresentam como sendo as mais desafiadoras. E talvez perguntes:

- Quais são elas?

E eu respondo-o com prazer:

- As mais simples.

É exactamente isso. Como estávamos a dizer que as perguntas mais simples são as mais difíceis de responder e assim o são pela familiaridade que estas têm connosco. Torna-se necessário colocarmos em mente que o mais familiar não é o mais fácil.

Quantas vezes já usamos as palavras: Deus, Vida, Morte, Verdade, Caminho e Mentira!

Que diria se alguém seriamente se levantasse e lhe colocasse estas perguntas:

- O que é a vida?

- O que é a morte?

- O que é o caminho?

- Quem é e o que é Deus?

- O que é a verdade?

Não é difícil perceber o quão difíceis e desafiadoras são estas perguntas para quem pretende respondê-las seriamente sem dar respostas poéticas.

Certa vez, isto é, numa época em que estava a realizar estágio pedagógico, dentre as várias actividades realizadas, apliquei avaliações contínuas, provas escritas e mesmo já tendo usado vários métodos, o rendimento continuava sendo negativo.

Enquanto professo, pensei: " vou ajudá-los mais uma vez; é claro, não dando notas administrativas, mas fazer uma pergunta que esteja mais contextualizada, ligada ao dia-a-dia deles (alunos) e quem sabe depois disso teriam notas positivas, denotando um rendimento salutar!

Estas foram aplicadas, chegando assim a fase de correcções acompanhada da publicação dos resultados. Surpreendi-me com os resultados!

De lembrar que tal última questão tinha uma cotação equivalente a 6 valores na margem de 0 a 20 valores do total da prova.

E possivelmente perguntaria:

- Mas que surpresa é esta?

Deixe-me mesmo dizer-lhe que choveram negativas! Mas isto enquanto professor não me agradava de forma alguma. Com isto, surge uma nova pergunta:

- Que pergunta é esta que faz com que os alunos tenham um alto índice de negativas quando podiam superar-se?

A pergunta é esta: - Por quê algumas coisas são mais engraçadas em relação a outras?

Parece simples, mas não é conforme pensa. Por favor, tente respondê-la seriamente.



Portanto, por enquanto aqui findamos, no entanto, por agora vamos passar para o capítulo a seguir, pode crer que boa coisa ainda está por vir e isto não é brincadeira. Se não acredita em mim, pelo menos acredite em Deus. Falar de Deus é falar de algo ou de alguém, afinal?

Deixo a resposta ao se critério. Assim, a nossa viagem ainda continua!

# CAPÍTULO XI



## VAI DESGRAÇAR-NOS

Já não possuímos as tecnologias,  
elas já nos possuíram

Estamos, de facto, a viver numa geração bem diferente das gerações passadas, na medida em que esta é marcada por um conjunto de vários vícios e virtudes. Porém, é verdadeira a informação de que a primeira característica se sobrepõe à primeira; razão pela qual faz-se necessário tomar medidas de precaução o mais rápido possível para que a próxima geração não venha a sofrer com este mal. Diante desta pequeníssima abordagem inicial, perguntamo-nos:

Que mal é este para merecer tanta atenção?

A resposta é simples: AS TECNOLOGIAS.

Como assim as tecnologias?

Será que elas são tão perigosas assim quanto se diz?

Quem usa tecnologia já está perdido ou então quer dizer outra coisa com isso?

Antes de mais, permita-me dizê-lo que não sou alguém que não dá valor a ela, aliás, se consegue ler algumas palavras escritas neste livro é graças a mesma tecnologia. Mas o que me preocupa hoje é o uso excessivo dela cujas consequências podem não ser notáveis no principio, entretanto, os mais velhos ensinam-nos, dizendo: “olongupa walya kosi yovava; ovinene viaco viya kilu`”.

A frase acima citada trás consigo fortes mensagens morais, das mais variadas dimensões, traduzindo literalmente: “A ginguba que você comeu no fundo da água, o seu lixo virá por cima”.

Isto significa dizer que, podemos negar hoje a existência deste mal na tecnologia, mas ele existe.

Repare no que o Director do Instituto da Academia Francesa, Michel Desmurget, no seu livro A FÁBRICA DE CRETINOS DIGITAIS fala relativamente às tecnologias e seus efeitos à nova geração, e também aproveitar o momento para o prepará-lo na leitura das palavras que vêm a seguir, porquanto muita coisa será abordada e de forma bem clara e precisa:

«O consumo recreativo do digital - em todas as suas formas (smart-phone, tablets, televisão, etc.) - pela nova geração é absolutamente astronómico. A partir dos 2 anos as crianças dos países acidentais acumulam diariamente quase 50 minutos diante da tela. Entre 2 e 8 anos, esse tempo é de 2h.45 min. Entre 8 e 12 anos os jovens passam aproximadamente 4h.45 min diante da tela. Entre 13 e 18 anos eles chegam perto de 7h.15min. Ao fim de um ano isso totaliza mais de 1.000 horas para um aluno da pré-escola (1,4 mês), 1700 horas para um estudante do nível fundamental (2,4 mês) e 2.650 horas para alunos do ensino médio (3,7 meses).

Expresso em fracção do tempo diário de vigília, isso resulta, respectivamente em 20%, 32 %, 45%. Ao longo dos primeiros 18 anos de vida eles representam o equivalente a quase 30 anos lectivos , ou se preferirmos, 15 anos de um emprego em tempo integral.

Sem se alarmar, os diversos especialistas mediáticos parecem aplaudir a situação. Psiquiatras, universitários, pediatras, sociólogos, consultores, jornalistas, etc., multiplicam suas declarações indulgentes de tranquilizar

os pais e o grande público. Para eles, nós estaríamos em uma nova era e o mundo pertenceria agora aos assim chamados nativos digitais. Até mesmo o cérebro dos membros desta geração pós - digital teria se modificado - para melhor, é claro. Ele teria, dizem, tornado-se mais rápido, mais rectivo, mais apto à multiplicidade de tarefas, mais competente para sintetizar o imenso fluxo de informações, mais adaptado ao trabalho colaborativo. Essas revoluções acabariam por representar uma possibilidade extraordinária para a escola. Elas ofereceriam uma oportunidade única de refumdar o ensino, estimular a motivação dos alunos, fecundar sua criatividade, eliminar o fracasso escolar e derrubar o bunker das desigualdades sociais.

Infelizmente esse entusiasmo generalizado está longe de ser unânime. Inúmeros especialistas denunciam a influência profundamente negativa dos dispositivos digitais actuais sobre o desenvolvimento. Todas as dimensões estariam afectadas, desde o somático (obesidade, maturação cardiovascular), até o emocional (por exemplo, a agressividade, a ansiedade), passando pelo cognitivo (por exemplo, linguagem, concentração); tantos danos, seguramente não deixariam ileso o desempenho escolar. Por sinal, a respeito deste último, tudo indica que as práticas digitais realizadas em aula para fins de instrução também não seriam particularmente benéficas, como parece apontar para a maioria dos estudos de ímpecto disponíveis, dentre os quais, as famosas avaliações internacionais PISA. O director deste programa explicava recentemente a respeito do processo de digitalização do ensino: SE ALGUM EFEITO TIVER, É O DE PIORAR AS COISAS.

Em sintonia com esses receios, alguns indivíduos e autores institucionais escolheram a prudência. Na Inglaterra, por exemplo, os directores dos principais colégios ameaçaram enviar a polícia e os serviços sociais aos lares em que os pais deixam seus filhos jogar videogames

violentos. Em Taiwan, onde os alunos apresentam um dos melhores desempenhos do planeta, uma lei prevê pesadas multas para pais que expõem seus filhos com menos de 24 meses a qualquer aplicativo digital e que não limitam suficientemente o tempo de utilização pelos jovens de 2 a 18 anos de idade (o uso não deve ultrapassar os 30 minutos consecutivos). Na China, as autoridades tomaram medidas drásticas a fim de regulamentar o consumo de videogames entre os menores de idade, alegando que isso afectaria de forma negativa o bom desempenho escolar. Naquele país as crianças e adolescentes não têm mais permissão para jogar durante o período normalmente dedicado ao sono ( entre 22 a 8 horas ) ou para ultrapassar 90 minutos de exposição diária em dias de semana (e 180 minutos nos fins de semana e durante as férias escolares). Nos Estados Unidos, inúmeros dirigentes ilustres de indústrias digitais, como era o caso de Steve Jobs, o mítico ex-director da Apple, parecem bastante preocupados em proteger sua prole das diversas ferramentas digitais que eles próprios comercializam. Tudo indica, como sugeriu a New York Times, que um consenso sombrio em relação à utilização de telas digitais pelas crianças começa a surgir no Vale do Silício. Um consenso aparentemente bem expressivo, capaz de extrapolar o ambiente doméstico e incentivar os geeks a inscreverem os seus filhos em escolas particulares caríssimas onde não se utilizam telas digitais.

Como explica Chiris Anderson, antigo editor da revista *Wired* e actual executivo de uma empresa de robótica: Meus cinco filhos (de 6 a 17 anos ) acusam a mim e a minha esposa de sermos fascistas e exageradamente preocupados com a tecnologia, e dizem que nenhum de seus amigos é submetido a essas regras. Isso acontece porque nós logo percebemos os perigos tecnológicos. Eu notei isso em mim. Não quero que o mesmo aconteça com meus filhos.

Para ele, na escala entre doces e cocaínas, isso está mais próximo da cocaína. conclusão do jornalista francês, doutor em sociologia, Guillaume Erner: A moral da história é a seguinte: DÊEM DELAS A SEUS FILHOS, OS FABRICANTES DE TELAS CONTINUARÃO DANDO LIVROS AOS DELES.

A utilização das telas está longe de ser homogênea entre as jovens gerações. Ela varia particularmente segundo a idade, género e condição socioeconómica. Levar em conta essas heterogeneidades revela-se fundamental para abordar as questões de êxito escolar e invalidar a ideia de que toda tentativa de controlo do tempo às telas recreativas por nossos filhos seria vã agora. Um espantoso derrotismo do qual a Academia Francesa de Ciencia, por exemplo, parece ter feito seu credo, ao não hesitar em afirmar que nas novas gerações nascidas na era digital só será possível reduzir parcialmente o tempo de exposição às telas.

Antes de entrar no cerne do assunto, uma observação impõe-se: identificar modalidades de utilização digital de uma população, qualquer que seja, não é um exercício fácil. Na prática, o ideal seria com certeza solicitar um exército de pesquisadores que vigiassem de perto 24 horas por dia, durante um ou dois meses, um exército de jovens usuários e anotar obsessivamente a actividade digital desses últimos. Ideal, mas impraticável. Uma alternativa consistiria em colocar os softwares de rastreamento nos aparelhos digitais usados por cada individuo (smartphone, tablet, televisão, consoles de videogame, etc...) e agregar em seguida, ao longo das várias semanas os dados obtidos. Tecnicamente realizável, sem dúvida, mas delicado no que tange à protecção à vida privada (Nathan não tem necessariamente de revelar que é fã do YouPourn) e complicado por conta dos aparelhos compartilhados (como saber, por exemplo, quem assiste à televisão: Pedro, Joana, todos ou ninguém?). De qualquer forma, a meu conhecimento, nenhum estudo global deste tipo está disponível.



Em nossos dias, a abordagem mais frequente baseia-se em métodos de entrevistas ou sondagens. Ora, estas últimas estão longe da perfeição. Primeiramente, as pessoas enganam-se e têm com frequência tendência a subestimar seu consumo pessoal e de seus filhos. Em seguida, diversos estudos dentre os mais frequentes criados adicionam as utilizações (televisão + smartphone + videogame, etc), sem se preocupar com as sobreposições possíveis (Célia assiste com frequência televisão enquanto usa seu smartphone para conversar pelas redes sociais); que aumentam artificialmente o tempo total de consumo. Enfim, importantes variáveis nem sempre são levadas em consideração, como a estação do ano ( a mesma pesquisa realizada no inverno ou no verão não trará necessariamente o mesmo resultado ) ou a origem geográfica de amostragem observada ( uma sondagem realizada com jovens que vivem principalmente em um meio urbano corre o risco de revelar uma subestimação do tempo diante das telas).

Deixando de lado essas reservas, os trabalhos aqui apresentados envolvem grandes populações e repousam sobre protocolos de entrevistas rigorosos. Isso não resolve naturalmente todos os problemas.

Sem dúvida, é importante salientar que em termos de utilizações de tecnologia digital, os estudos mais completos e rigorosos foram conduzidos nos Estados Unidos. A partir desse ponto poderíamos temer que os números e os hábitos de consumo obtidos não tenham validade geral alguma. Isso seria um erro.

Na verdade, quando confrontamos os dados americanos às observações obtidas em outros países economicamente comparáveis como a França, Noruega ou Austrália, podemos constatar um fortíssimo grau e convergência. Em outras palavras, no que diz respeito às práticas digitais e exceção cultural está vencida e os hábitos dos jovens ocidentais são actualmente muito semelhantes; para o bem ou para o mal, cabe a cada um dizer.

Quanto mais cedo a criança se encontra habituada às telas, mais chances ela tem de se tornar subsequentemente um usuário prolixo e assíduo. Nada há de impressionante nisso. Somos cultivadores de hábitos e da imagem do que se passa com rotinas alimentares, escolares, sociais e de leitura, as práticas digitais tardias enraízam-se profundamente nas utilizações praticadas na tenra infância.

Em segundo lugar, os primeiros anos de vida de existência são fundamentais em matéria de aprendizagem e amadurecimento cerebral. As telas privam a criança a um curto numero de estímulos e experiências essenciais, que se revela difícilimo de recuperar em seguida. É ainda mais lamentável que as inaptidões digitais, por sua vez, sejam facilmente compensadas em qualquer idade. Assim, como assinalamos na primeira parte, qualquer adulto ou adolescente normalmente constituído é capaz de aprender bem mais rápido de utilizar as redes sociais, os aplicativos para escritórios e serviços, os sites comerciais, plataformas de download, tablets, smartphones, nuvens e outras pérolas do género. Não é o mesmo caso para saber primordiais da infância. Na verdade, o que não foi estabelecido durante idades precoces do desenvolvimento em termos de linguagem, coordenação motora, pré-requisitos matemáticos, hábitos sociais, gestão emocional, etc., revela-se cada vez mais custoso a adquirir com o passar do tempo.

Para compreender este ponto, podemos representar o cérebro como uma espécie de massa modelar cuja textura endureceria gradualmente ao longo dos anos. É claro, o adulto ainda aprende, mas não como a criança. Esquemáticamente poderia dizer-se que ele aprende principalmente ao reposicionar os circuitos neurais disponíveis, quando a criança, por sua vez, constrói novos. Uma analogia permite ilustrar com simplicidade essa divergência fundamental. Imaginemos que seja preciso

ir de Boston a Dallas. Para isso, a criança vai apanhar um retro escavadeira. Resta-lhe apenas uma espátula. Armado com esta, ela conseguirá, no melhor dos casos, abrir um caminho modesto até a estação de trem vizinha. Em seguida, para alcançar o destino ele deverá tomar (confiando nelas), rotas já construídas. No início, apesar dos desvios, ele sair-se-á melhor do que a criança; construir uma estrada leva tempo. Mas, rapidamente, este ultimo ultrapassará o mais velho a ponto de o ridicularizar sem trégua. Se você duvida, comece a aprender a tocar violino ao mesmo tempo que sua filha de 5 anos. Aproveite o bastante sua superioridade inicial...ela poderá ser curta. Se você não aprecia o violino, vá até uma estação de trem e tente correr ao lado de um trem que parte. A experiência revelar-se-á similar. No começo você irá mais rápido do que a máquina, mas, progressivamente, esta o alcançará antes de o deixar para trás.

No momento em que a criança está em pleno desenvolvimento, o tempo monopolizado pelos consumos precoces de telas digitais revela-se bastante extravagante. Dois períodos devem ser então considerados. Um englobando de modo geral os primeiros 24 meses dá o impulso inicial. O outro, cobrindo em seguida crianças de 2 a 8 anos, uma nítida fase de estabilização, antes da descolagem da pré-adolescência.

- O primeiro patamar: 2-8 anos

É preciso esperar o segundo ano de idade para que a criança passe, se podemos dizê-lo as coisas mais sérias. Seu consumo digital aumenta então brutalmente para alcançar, entre 2 e 4 anos, 2h.45 por dia. A explosão assenta-se em seguida, girando em torno de mais ou menos 3h. Esses números são impressionantes. Na última década eles aumentaram mais de 50%, representando um quinto do tempo normal de uma criança.

No período de um ano, seu volume acumulado ultrapassa facilmente mil horas. Isso quer dizer que entre 2 e 8 anos uma criança média dedica às telas recreativas o equivalente a 6-7 anos lectivos completos. Ou 460 dias de vida desperta (um ano e três meses), ou ainda o período exacto de tempo de estudo necessário para se tornar um hábil violinista.

Mais de 90% do tempo ocupado pelas actividades digitais das crianças de 2 a 8 anos são dedicados à absorção de programas audiovisuais (televisão, vídeos e DVD) e à prática de jogar videogames. Pode-se, entretanto, notar uma pequena diferença associada à idade: para os de 2-4 anos, o audiovisual domina de forma um pouco mais ampla os videogames (77% contra 13 %) do que para os e 5-8 anos (65 % contra 24 %). Obviamente esses números devem ser ponderados em relação às características socioculturais da família. Há indicações sem surpresa, de que as crianças de estratos desfavorecidos registam um consumo recreativo digital quase duas vezes superior ao dos seus homólogos favorecidos (3h30 contra 1h50). Estes últimos, porém, não deveriam comemorar mais rápido demais. Na verdade, vários estudos relativos ao sucesso escolar mostram que as telas não exercem sua acção danosa de maneira homogénea. Quanto mais a criança é proveniente de família sociocultural privilegiada, mais o tempo perdido diante da televisão ou do videogame revela-se penalizador. Expresso de outra maneira, nos meios favorecidos, o tempo total diante de telas é certamente menor, mas as horas perdidas custam mais caro, pois se elas operam em detrimento de experiências mais ricas e formativas leitura, interacções verbais, práticas musicais, desportivas ou artísticas, excursões culturais, etc). Uma analogia permite ilustrar com bastante simplicidade esse mecanismo: se você retirar de uma criança dois litros de uma sopa aguada, composta de 25% de legumes passados, o impacto nutricional será menor do que se privar uma criança de um litro de sopa espessa, composta de 60% de legumes

frescos. Para as telas é a mesma coisa: as mais favorecidas desperdiçam menos sopa, mas cada refeição desta sopa é mais positiva para o desenvolvimento individual.

Convém precisar que os consumos digitais aqui descritos se fazem, em sua maioria, com no caso de crianças de 2-5 anos, independentemente do tipo de tela, somente uma minoria de pais (cerca de 30 %) declara estar presente todo tempo ou a maior parte do tempo. Para as de 6-8 anos a situação é ainda mais diversificada. A televisão sofre um nível de controle mais acirrado, com um pouco menos de 25 % dos pais declarando estar presentes todo o tempo ou a maior parte do tempo. Uma percentagem que cai aproximadamente 10% em relação aos aparelhos portáteis e os videogames.

#### Ambiente familiar: factores agravantes

Tudo indica então que a utilização das telas recreativas varia expressivamente em função da classe social, da idade e do género dos indivíduos, entretanto, por mais importantes que estas sejam, esses factores estão longe de contar toda a história. Outras características mais ambientais, devem também ser consideradas quando se quer abordar o comportamento das novas gerações em relação ao digital. O interesse dessas características é que eles são, diferentemente dos marcadores sociodemográficos, bem facilmente controláveis. Neste sentido, elas oferecem aos pais uma alavanca interveniente potencialmente eficaz para limitar os consumos de seus filhos.

- limitar o acesso e dar exemplo

Na primeira linha de factores susceptíveis de estimular a utilização está, sem surpresa, a disponibilidade física à tela. Possuir vários aparelhos de TV, consoles, smartphones ou tablets em casa, favorece claramente o consumo, e ainda mais quando esses se encontram no quarto.

Em outros termos, se quiser reforçar a exposição de seus filhos aos dispositivos digitais, dê a eles um smartphone e um tablet e certifique-se de que seu quarto esteja equipado com uma televisão e um videogame. Este último cuidado estragará o seu sono, sua saúde e seu desempenho escolar, mas pelos menos eles ficarão quietos e você terá paz. Sobre isso, um estudo procurou entender o comportamento de mais de três mil crianças de 5 anos. Aquelas que possuíam uma televisão em seu quarto eram quase três vezes mais numerosas entre as que registraram um consumo diário superior a duas horas. O mesmo ocorre com videogames. As crianças que tinham um console em seu quarto corriam três vezes mais risco de apresentar uma utilização diária superior a 30 minutos.

Resultados comparáveis foram verificados em indivíduos mais velhos, sejam eles pré-adolescentes ou adolescentes.

- O peso dos hábitos da família

Inúmeros estudos mostraram que o consumo das crianças cresce conforme o dos pais. Um triplo mecanismo explica esta relação : (1) Os tempos diante das telas partilhados ( videogames ou televisão, por exemplo), aumentam globalmente os tempos de exposição (porque as utilizações comuns, em boa parte não são substituídas, mas acrescentam-se às práticas solitárias); (2) As crianças tendem a imitar o comportamento imoderado dos seus pais ( segundo um mecanismo bem conhecido de aprendizagem social); (3) Os grandes consumidores de adultos têm uma visão mais positiva do impacto das telas sobre o desenvolvimento, o que os leva a impor regras de utilização menos restritivas à sua prole. Ora, a respeito deste último ponto, vários estudos demonstraram que a ausência de regras restritivas favorecia o acesso a conteúdos inadequados e estimulava a duração das utilizações.

Assim, para a televisão, um trabalho experimental comparou três estilos parentais em famílias com crianças de 10-11 anos: permissivo (nenhuma regra), autoritário (regras rigidamente expostas), persuasivo (regras explicadas). Para cada um desses estilos, a proporção de crianças susceptíveis a assistir à televisão por mais de 4 horas por dia se estabelecia respectivamente em 20%, 13%, 7%.

Este último detalhe ressalta a importância de explicar, desde a infância, a razão e ser dos limites impostos. Ou seja, para ser plenamente eficaz a longo prazo, o contexto restritivo não deve ser percebido como um castigo arbitrário, mas como uma exigência positiva. É importante que a criança aceite a medida e interiorize seus benefícios. Quando ela pergunta por que não tem direito enquanto seus colegas fazem o que bem entendem, é preciso explicar que os pais de seus colegas talvez não tenham estudado suficientemente a questão; é preciso dizer-lhe que as telas têm sobre seus cérebros, sua inteligência, sua concentração, seus resultados escolares, sua saúde, etc., influências extremamente negativas, e é necessário especificar a razão: menos horas de sono; menos tempo passado em actividades mais enriquecedoras, como ler, tocar um instrumento musical, praticar desporto ou conversar com pessoas, e também menos tempo dedicado aos deveres escolares, etc. Mas tudo isso evidentemente só é convincente se os próprios pais não ficarem eles próprios grudados em suas telas. No pior dos casos, é preciso então tentar explicar à criança que aquilo que é ruim para ela não o é obrigatoriamente para um adulto, porque o cérebro deste último está pronto ao passo que o da criança ainda está em formação.

## Conclusão

Ao chegar ao final de "Um Pouco do Dia -a-Dia", espero que se tenha «permitido reflectir sobre a beleza que reside nas pequenas coisas e nas experiências quotidianas. Este livro foi uma jornada de redescoberta, um convite para que valorizássemos cada instante e cada interacção, mesmo as mais simples.

À medida que nos afastamos das páginas, que possamos levar connosco a consciência de que a vida é composta por esses fragmentos diários. Os desafios e as alegrias, as rotinas e os momentos de pausa, tudo isso se entrelaça para formar a tapeçaria de nossa existência. A beleza não está apenas nas grandes conquistas, mas nas subtilidades do dia-a-dia que, muitas vezes, passam despercebidas.

Espero que as reflexões aqui apresentadas tenham tocado seu coração e ampliado sua percepção sobre o quotidiano. Que o leitor se sinta inspirado a cultivar momentos de atenção e gratidão, encontrando significado nas pequenas acções e nos encontros inesperados. Lembre-se: cada dia é uma nova oportunidade de ver o extraordinário no ordinário.

Obrigado por embarcar nessa jornada comigo. Que sua vida seja repleta de pequenos momentos que fazem toda a diferença.





## Biografia



Manuel Cândido Haitewa Bapolo nasceu aos 30 de janeiro de 2003, no município de Quipungo, especificamente na comuna do Malipi. Desde a infância, Manuel destacou-se por sua curiosidade e desejo incessante de aprender. Crescendo em uma comunidade rica em tradições e cultura, ele sempre buscou entender mais sobre seu entorno e as realidades da vida quotidiana.

A sua trajetória acadêmica começou cedo, refletindo seu compromisso com a educação e o conhecimento. Actualmente, Bapolo é estudante do curso de Ensino de Biologia no Instituto Superior de Ciências da Educação da Huila. Sua escolha por esta área é impulsionada por uma paixão genuína pela ciência e pela importância da educação ambiental. Ele acredita que entender os processos biológicos e ecológicos é fundamental para formar cidadãos conscientes e responsáveis.

Paralelamente aos seus estudos, Bapolo destaca-se como jornalista entusiasta. Ele utiliza a escrita como uma plataforma para expressar suas reflexões sobre o quotidiano e questões sociais relevantes. Com um olhar crítico e atento Manuel busca capturar as nuances da vida na sua comunidade e além, sempre com o objectivo de provocar discussões e inspirar mudanças positivas.

Bapolo é particularmente interessado em temas que abordam a relação entre o ser humano e a natureza, e suas publicações frequentemente reflectem essa preocupação. Ele considera que a educação e a informação são ferramentas poderosas para transformar a sociedade, e dedica-se em promover essas ideias nas suas crónicas e artigos.

Com um espírito criativo e uma voz autêntica, Bapolo acredita que cada experiência de vida oferece uma lição valiosa. Ele busca integrar suas observações pessoais na sua escrita, criando conexões entre sua vivência e os desafios enfrentados por muitos. Sua abordagem reflexiva torna-o num pensador contemporâneo, pronto para contribuir de forma significativa para o debate social.

Ao longo de sua jornada, Bapolo envolve-se também em actividades extracurriculares que reforçam sua formação como educador e comunicador, participa de grupos de discussão e iniciativas comunitárias, onde tem a oportunidade de compartilhar suas ideias e aprender com outros.

A vida de Manuel Cândido Haitewa Bapolo é uma representação da busca constante pelo conhecimento e pela verdade. Através de sua formação em biologia e sua paixão pelo jornalismo posiciona-se como um agente de mudança, pronto para inspirar outros a olhar para o mundo com um novo olhar.

UM POUCO DO DIA-A-DIA

MANUEL CÂNDIDO BAPOLO

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 00 244 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



TODOS OS DIREITOS DESTA OBRA RESERVADOS

MANUEL CÂNDIDO BAPOLO

Esta obra está protegida por

Leis de direitos autorais na "CPLP", "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

*Não é permitido modificar esta obra.*

*Não pode fazer uso comercial desta obra.*

*Não pode criar obras derivadas.*

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

